



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
COLEGIADO DE HISTÓRIA
COMPONENTE CURRICULAR:
TCC IV: ORIENTAÇÃO DE PESQUISA

MULHERES E AGROECOLOGIA: EXPERIÊNCIAS, LUTAS E
PROTAGONISMO FEMININO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE LAJE BAHIA.
2007-2016

MARIANE RIBEIRO DOS SANTOS

SANTO ANTÔNIO DE JESUS BAHIA

2023

MARIANE RIBEIRO DOS SANTOS

**MULHERES E AGROECOLOGIA: EXPERIÊNCIAS, LUTAS E
PROTAGONISMO FEMININO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE LAJE. 2007-2016**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade do
Estado da Bahia (UNEB), Campus V
para obtenção de grau - Licenciatura
em História.

Orientador: Prof.: Dr. Hamilton
Rodrigues

SANTO ANTÔNIO DE JESUS BAHIA

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIANE RIBEIRO DOS SANTOS

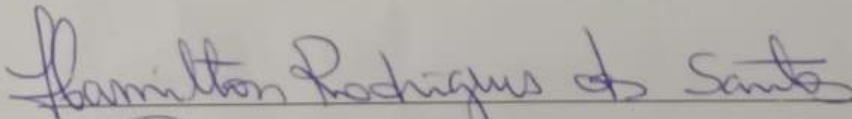
Mulheres E Agroecologia: experiências, lutas e protagonismo feminino na agricultura familiar de Laje- Bahia

2007-2016

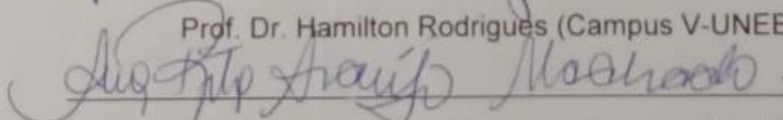
Trabalho de conclusão de Curso apresentado a Universidade do Estado da Bahia— UNEB- Departamento de Ciências Humanas- Campus V, como requisito obtenção de grau de Licenciatura em História.

Aprovado em 22 de setembro de 2023

BAIXA EXAMINADORA



Prof. Dr. Hamilton Rodrigues (Campus V-UNEB) (Orientador)



Profª. Drª. Ana Rita Araújo Machado (Campus V-UNEB) (Membro interno)



Profª. Drª. Aline Lima dos Santos (Campus Santa Inês IF Baiano) (Membro externo)

SANTO ANTÔNIO DE JESUS-BA

2023

DEDICATÓRIA

À minha família que é o amor mais simples e indispensável entre os homens, em especial minha mãe, Maria da Conceição dos Santos. Ela é minha rede de apoio e exemplo de vida.

À minha filha, Thayná Ribeiro dos Santos, farol que me inspire a observar incansavelmente pelas marés da vida, com renovação de força e determinação.

AGRADECIMENTOS

À Deus por teu grande zelo e cuidado, por nunca me deixar fraquejar ou pensar sequer em desistir. Ele sustentou-me e deu-me amigos e pessoas para que eu pudesse atravessar essa jornada sorrindo e feliz, mesmo cansada.

As orações recebidas da minha família e amigos. Imensamente grata a Evanice Silva, por ter-me acolhido e abrigado.

Aos meus amigos que compartilharam abraços calorosos, Willian Teles, amizade que foi construída e levarei para a vida. Alisson Farias, além de fazer todos os trabalhos juntos, ganhei um irmão. Luciano Silva, textos, seminários...não definem nossa amizade. Você é o nosso pai Lu. Carlos José, nossas risadas foram verdadeiras e sinceras, você é incrível.

Aos professores, que por ofício, escolheram a mais bela das profissões, em especial ao meu querido professor e orientador Hamilton Rodrigues.

À instituição sindical SINTRAF de Laje, pois é meu pertencimento e onde mim reconheço.

À FASE-BA que mim proporcionou momentos maravilhosos de formação e capacitação.

Às mulheres que cederam entrevista para a construção deste trabalho, Gleide, Jucélia, Veronice, Adaildes, Maria, Mirian e Nayara.

Resumo: Este trabalho de conclusão de Curso com o tema Mulheres e Agroecologia: experiências, lutas e protagonismo feminino no município de Laje Bahia (2007-2016), mostra processo de organização e lutas da agricultura familiar neste município e analisa as práticas agroecológicas de mulheres que fizeram e fazem parte desse processo. Através da pesquisa feita com mulheres nota-se que algumas estão buscando os meios de produção agroecológico, no entanto facilidades para ter o acesso aos agrotóxicos, prejudicam e desestimulam quem estar no processo de transição. Através da pesquisa feita a mulher é a resistência da agricultura familiar em tempos que a moda é o mais fácil e rápido. Mulheres que enfrentaram dificuldades para ter o acesso à educação, a políticas públicas, a bens simples como roupas e sapatos, hoje estão tendo uma vida melhor por estarem inseridas nesse processo de organização e movimentos sociais.

Palavras-chave: Mulher- Agroecologia- protagonismo- Experiências- Laje

Abstract: This course conclusion work with the theme Women and Agroecology: experiences, struggles and female protagonist in the municipality of Laje Bahia (2007-2016), shows the process of organization and struggles of family farming in this municipality and analyzes the agroecological practices of women who were and are part of this process. Through research carried out with women, it is noted that some are looking for agroecological means of production, but also the presence and facilities to have access to poisons harm and discourage those who are in the transition process. Through the research carried out, women are the resistance of family farming in times when fashion is easier and faster. Women who faced difficulties in gaining access to education, public policies, simple goods such as clothes and shoes, are now having a better life because they are part of this process of organization and social movements.

Keywords: Woman- Agroecology- protagonist- Experiences- Sla

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.

CEPLAC- Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira.

FASE- Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional.

PAA- Programa de Aquisição de Alimentos.

PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar.

PRONAF- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

SINTRAF- Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mapa de localização do Território de Identidade Vale do Jiquiriçá.....	12
Figura 2 - Mapa do município de Laje Bahia	13

1.INTRODUÇÃO.	8
2. A GEOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE LAJE BAHIA.	12
2.1. CONCEITO DE AGROECOLOGIA.	14
2.2. MULHERES NA AGRICULTURA.....	20
3. ORGANIZAÇÃO DOS AGRICULTORES LAJISTAS.....	23
3.1. O PROTAGONISMO DAS MULHERES NOS ESPAÇOS.....	28
3.2. MULHER E AGROECOLOGIA.....	32
3.3. OS PARCEIROS DA AGROECOLOGIA.....	36
4. LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER!	39
4.1. OS ESPAÇOS DE LUTAS E FALAS.....	41
4.2. AS LUTAS ENFRENTADAS.....	42
4.3. O EMPODERAMENTO FEMININO.	44
4.4. SAÚDE NA MESA, EM CASA E NAS ESCOLAS.	46
4.5. AS CONQUISTAS.....	47
5. IMPACTOS DA CONJUNTURA NACIONAL A PARTIR EM 2016.	49
5.1. É PRECISO APRENDER A LUTAR NOVAMENTE.	50
6.CONCLUSÃO.	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
APÊNDICE.....	61

1.INTRODUÇÃO Essa pesquisa com o tema mulheres e agroecologia: experiências, lutas e protagonismo feminino no município de Laje Bahia (2007-2016), mostra como a agricultura familiar neste município tem pautado a lógica no mundo do trabalho, uma prática e uma cultura, mesmo com tantas adversidades, sendo que as mulheres são as protagonistas de resistência e lutas nesse processo.

Essas experiências de trabalho, onde mulheres buscam novas perspectivas, são baseadas no conceito de experiência, que para Thompson (2000, p. 182), “[...] pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura (...) e em seguida (...) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada”.

Compreender a relevância da agroecologia e discussões voltadas para uma vida responsável com a natureza, a sociedade, as pessoas e as próximas gerações são necessárias, afinal, o nosso planeta está adoecendo, além dos recursos naturais estarem sendo usados em sua grande maioria com irresponsabilidade.

A luta pelo direito à terra, pelos direitos previdenciários, fomentação de políticas públicas e vida digna, vem proporcionando laços de pertencimento e protagonismo feminino na agricultura familiar de Laje, tudo isso é uma história do tempo presente como afirma Reinaldo Lindolfo Lohn.

A História do Tempo Presente demarca temporalidades em construção, as quais correspondem ao vivido e aos vivos. Trata-se não de uma prática do que pode ser chamado de luto social, como se apenas o mundo dos mortos coubesse à historiografia, mas do envolvimento com as lutas pela sobrevivência e seus conflitos em sociedades marcadas pelo capitalismo e pelas desigualdades sociais. Mesmo que não seja uma *outra história*, tributária que é dos movimentos que vêm discutindo em abrangência o ofício de historiadores e historiadoras profissionais há décadas, uma escrita da história voltada ao tempo presente tem como significado básico uma atitude política na qual a historiografia se expõe ao debate público em um momento em que diferentes narrativas buscam reescrever o passado com vistas a utilizá-lo como arma política. Mais do que nunca, uma história comprometida e interpelada pelo presente está diante de questionamentos que envolvem a interação entre narrativa histórica e campo político. (LOHN, 2019, p.11)

Portanto, estudar e escrever sobre vidas femininas dentro desses espaços de movimentos, lutas é sim uma história do tempo presente, cabem aos historiadores fazerem também esse reparo social.

Este estudo enfatiza a participação das mulheres nesse processo de transição agroecológica. As parcerias formadas entre o sindicato da agricultura familiar de Laje, associações rurais, CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira), FASE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional), Banco do Nordeste tem grande importância para a efetivação dessas práticas.

Essas parcerias promoveram momentos com palestras, seminários, formações, aulas práticas, assistência técnica, projetos, acesso a crédito e cursos, portanto este estudo visa compreender como essas famílias estão depois desse processo de acompanhamento.

Para o desenvolvimento desse estudo realizei algumas entrevistas, fontes orais, que são as principais fontes para este estudo. Subsidiada nas concepções de Paul Thompson, para quem a história oral é “a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”.

As entrevistas foram realizadas todas no ano de 2023, sendo a primeira feita com Veronice no dia 06 de maio, em Mutuípe Bahia, segunda, Mirian no dia 13 de maio na comunidade da Areia Fina, Laje Bahia, terceira Jucélia 15 de maio, no Sindicato da Agricultura Familiar de Laje, quarta, Nayara e quinta Maria também dia 15 de maio, porém na comunidade do Borges, Laje Bahia. A sexta, Adaildes no dia 20 de maio na Comunidade do KM 17, Laje Bahia e sétima, Gleide também dia 20 de maio, porém na comunidade do Riachão, Laje Bahia.

Usei um roteiro de perguntas e o gravador de voz, depois transcrevi todas as entrevistas. Esse foi um processo bem difícil, porque tive que conciliar o trabalho, os estudos, estágio e também os perigos das estradas, pois eu ia pilotando uma moto em comunidades rurais que fazem divisas até com outros municípios e em tempos de violência, isso também foi desafiador.

Também conversei com outros autores e documentos, como leis, decretos e atas do sindicato. Uma das minhas principais autoras é a Emma Siliprandi, que

parafrazeando-a, a agroecologia é um processo, que demanda tempo e paciência. Através de sua obra “Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas”, pude perceber que as mulheres são as protagonistas desse processo, em especial no município de Laje e sobre o uso de documentos como fontes históricas que segundo A. M. Mauad e P. Cavalcante o uso de tais documentos e de registros é um instrumento para o historiador.

Denomina-se fonte histórica todo documento trabalhado pelo historiador em sua busca de conhecimento sobre o passado. Tal noção inclui uma outra, a de registro [...]. Assim, o termo registro, que no dicionário tem uma multiplicidade de significados, está sendo utilizado como uma forma de guardar, de comprovar a existência de algo, de servir como atestado, portanto, de documentar uma experiência coletiva, ação ou sentimento. Assim, os registros do passado também podem ser considerados fontes históricas (MAUAD; CAVALCANTE, 2010, p. 29).

E ainda enfatizam que documentos dessa natureza além de serem fontes históricas, mostram organização e atividades sociais.

Os documentos históricos, comprovam que algo existiu no passado, nos comunicam de diferentes maneiras um conjunto variado de atividades sociais. Entretanto, acima de tudo os documentos comprovam a existência de relações sociais e, mais do que isso, são suportes de relações sociais (Mauad; Cavalcante, 2010, p. 29)

Também compreendi que escrever sobre mulher é uma questão de ser, de gênero, sendo assim busquei analisar como as mulheres aparecem na historiografia. Para Rachel Soihet e Joana Maria Pedro, a historiografia analítica da mulher foi tardiamente escrita, principalmente pela disciplina História.

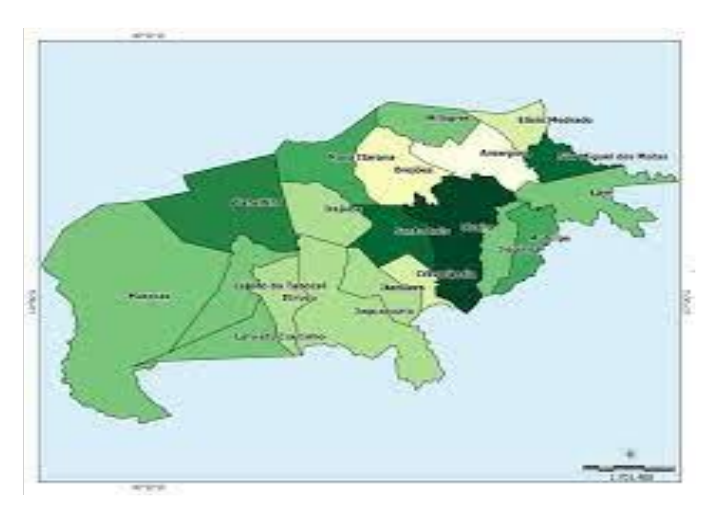
Nas ciências humanas, a disciplina História é certamente a que mais tardiamente apropriou-se dessa categoria, assim como da própria inclusão de 'mulher' ou de 'mulheres' como categoria analítica na pesquisa histórica. A trajetória, costumeiramente 'cautelosa', dessa disciplina, e o domínio do campo por determinadas perspectivas de abordagem, retardaram significativamente o avanço das discussões. (p.284)

Esse prejuízo é devido a história positivista, que era voltada para vida de homens. Então esse estudo tem uma grande relevância por propor e pensar na vida das mulheres, principalmente de mulheres trabalhadoras rurais. Ainda Rachel Soihet e Joana Maria Pedro afirmam que as transformações na historiografia, articuladas à explosão do feminismo, a partir de fins da década de 1960, tiveram papel decisivo no processo em que as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da História, marcando a emergência da História das Mulheres. (p. 285) Sendo assim as mulheres agricultoras de Laje tem buscado ser protagonista das suas histórias. Compreendendo que muitas estão no processo e outras já alcançaram esse protagonismo e esse empoderamento.

2. A GEOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE LAJE BAHIA.

O município de Laje está localizado no Território de Identidade Vale do Jiquiriça. Segundo a Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) em 2015, vinte (20) municípios compõem o Vale do Jiquiriça, são eles: Amargosa, Brejões, Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara Jiquiriça, Lafayette Coutinho, Laje, Lajedo do Tabocal, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas e Ubaíra.

Figura 1 – Mapa de localização do Território de Identidade Vale do Jiquiriça



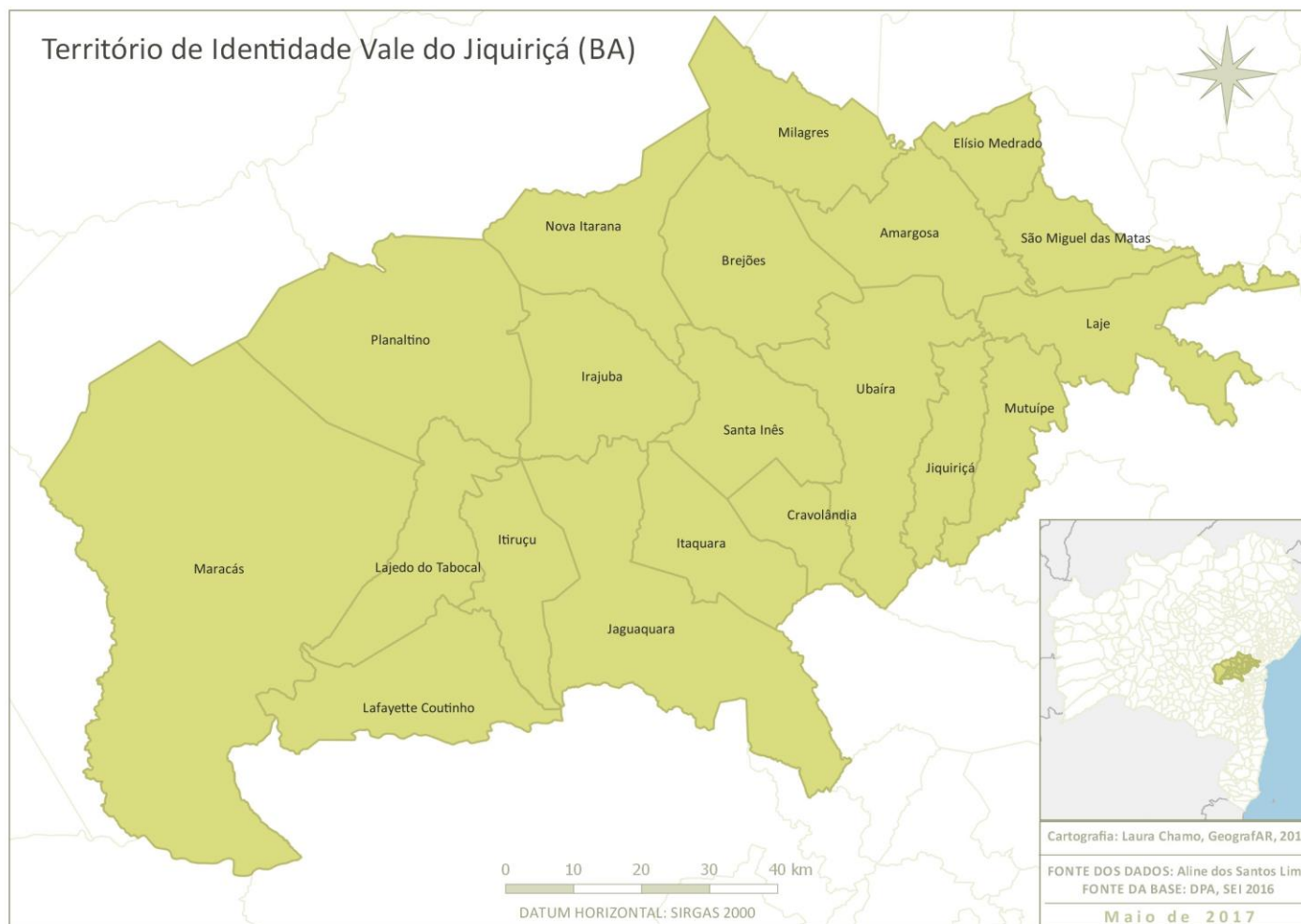
Fonte: SIT (2015)

Segundo IBGE, em 2010 o Território do Vale do Jiquiriça tinha 303.589 habitantes, 2,16% da população estadual. No município de Laje neste mesmo ano a população era de 22.201 habitantes. Hoje segundo o censo 2021, a população lajista é de 24.214 habitantes, com a área territorial correspondente a 449,834 Km².

O município de Laje (Figura 2) tem como limites os municípios Amargosa, Aratuípe, Jaquaripe, Mutuípe, Santo Antônio de Jesus, são Miguel das Matas, Ubaíra e Valença.

Vejamos no mapa abaixo o mapa do município de Laje Bahia:

Figura 2



Fonte: Lima (2017).

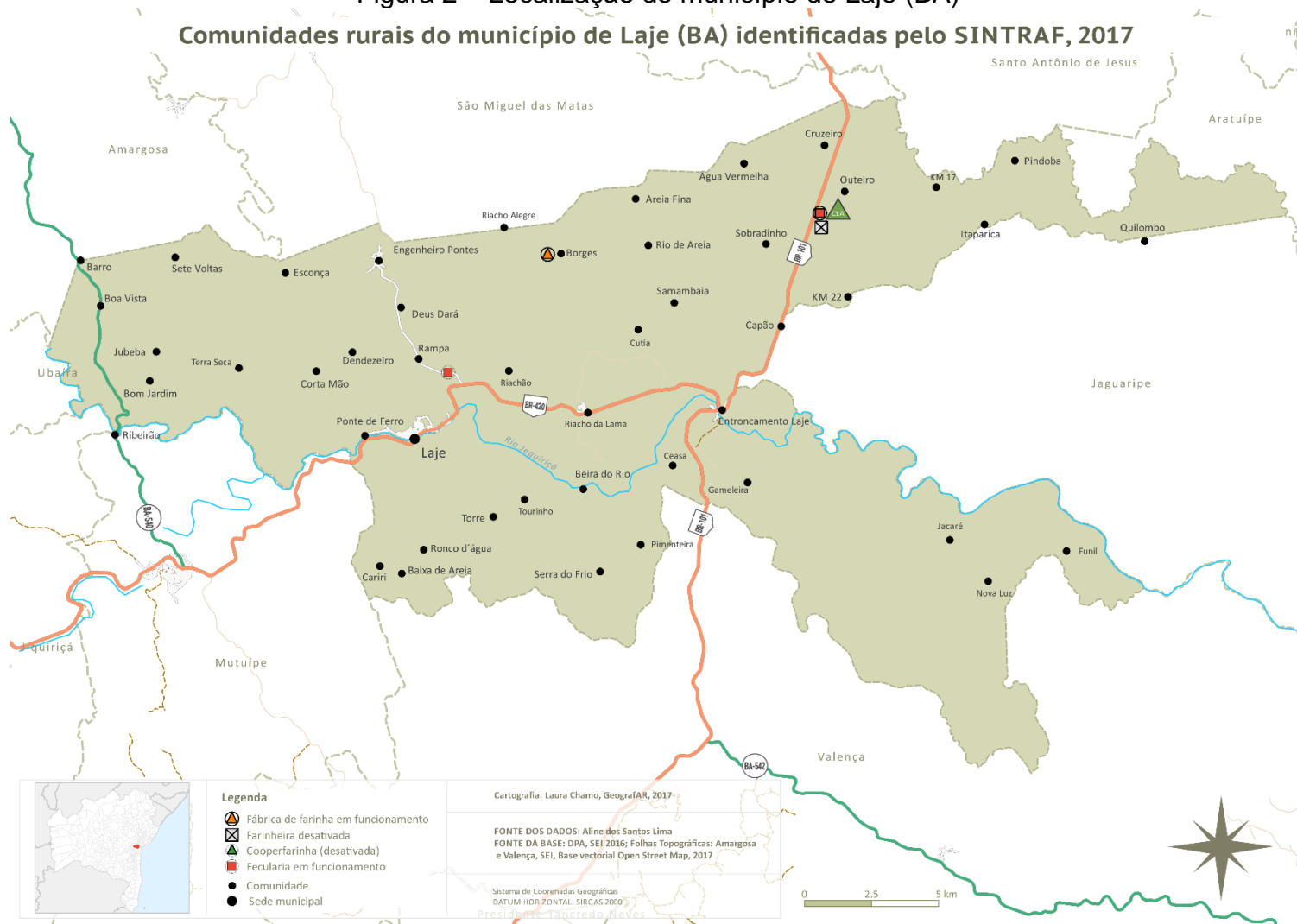
A população lajista, segundo o senso de 2010, era composta por 11.286 homens e 10.915 mulheres, sendo que 16.121 pessoas moram na zona rural, 72,6% e 6.080 moram na zona urbana 27,4%. É importante salientar também sobre os números de residências que compõem esse município, 1.817 são urbanas e 4.516 rurais, de acordo também com o senso 2010.

Baseada nos dados do IBGE, conclui-se que a economia do município de Laje é primordialmente agrícola, sendo que no censo de 2021 a administração tem 879 colaboradores diretos, efetivos, contratados. Tem ainda aqueles trabalhadores que exercem suas funções nos comércios da cidade, muito deles vem da zona rural. É sabido que tem muitas pessoas que moram na zona rural, mas que não tem a profissão de agricultor (a) familiar, afinal, as zonas rurais também têm pessoas que exercem outras funções.

O município de Laje tem 46 comunidades rurais segundo o Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Laje (SINTRAF), são elas: Torre, Tourinho, Beira do Rio, Baixa de Areia, Cariri, Ronco D'Água, Terra Seca, Barro, Ribeirão, Boa Vista, Corta Mão, KM22, Jubeba, Dendezeiro, Esconça, Ponte de Ferro, Rampa, Deus Dará, Engenheiros Pontes, Bom Jardim, Riachão, Borges, Riacho Alegre, KM 17, Riacho da Lama, Sete Voltas, Cutia, Rio de Areia, Areia Fina, Samambaia, Água Vermelha, Cruzeiro, Outeiro, Sobradinho, Itaparica, Pindoba, Capão, Entrocamento de Laje, Gameleira, Jacaré, Nova Luz, Funil, Ceasa, Quilombo, Serra do Frio e Pimenteira.

Figura 2 – Localização do município de Laje (BA)

Comunidades rurais do município de Laje (BA) identificadas pelo SINTRAF, 2017



Fonte: Lima (2017, p. 57).

A agricultura de Laje é bem diversa, se planta de tudo. Amendoim, milho, cacau, laranja, hortaliças, mandioca, banana, abacaxi, abacate, goiaba, aipim, maracujá, graviola, entre outras, mas a predominância é a mandiocultura. Todas as mulheres que foram entrevistadas para essa pesquisa afirmaram que desde a infância trabalham no cultivo da mandioca. Segundo Aline Lima, a especialização no cultivo da mandioca e o acesso ao PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) fortaleceu a ocupação e permanência da mandiocultura.

Este município se caracteriza, também, pela especialização no cultivo da mandioca, pelo que não seria muito aventurado afirmar que este cultivo, por utilizar bastante mão de obra nas diversas fases do processo produtivo, tem contribuído para a ocupação e permanência da população rural. Isso reforça a ideia de que a produção artesanal de farinha criou ocupação e renda na região. Possivelmente o acesso ao crédito (PRONAF), fortaleceu essa permanência. (2017)

O cultivo da mandioca tem muitas finalidades. O consumo da farinha, da puba (massa) para fazer bolos e mingau, tapioca, fécula para defensivos naturais, as folhas para adubo orgânico e compostos orgânicos, o caule (maniva), conhecida por manaíba, para o plantio e a casca da raiz, para alimentação de galinhas, bois, cavalos, porcos e também adubação. Além da geração de renda.

2.1. CONCEITO DE AGROECOLOGIA.

A agricultura que é o meio de cultivo da terra, é executada a milhares de anos por sociedades e povos diferentes, vem ganhando cada vez mais notoriedade mundialmente. A agricultura familiar hoje é essencial para a sobrevivência das pessoas do campo e na produção de alimentos saudáveis.

Segundo Grossi e Silva 2002, nos anos 1950, onde o Brasil estava passando pelo processo de industrialização, o governo Eurico Gaspar Dutra deu grande incentivo para as pessoas produzirem em grande escala, assim implantando máquinas e uso de venenos nas plantações. Através desse processo de industrialização da agricultura, surgiram muitas pessoas do campo contra esses métodos, principalmente contra o uso dos venenos. Assim, houve essa divisão do

agronegócio e da agricultura familiar. A agricultura familiar só foi ganhar notoriedade nos anos de 1990.

Ainda Grossi e Silva afirmam que essas transformações começam a ser destacadas na década de 1950, a partir da instalação, no Brasil, de indústrias produtoras de insumos para a agricultura (máquinas, adubos químicos e agrotóxicos), o Governo montou inúmeros aparatos para incentivar o uso dessas tecnologias. Surge a partir daí a “revolução verde” modelo que preconizava a modernização da agricultura que só veio a se efetivar nos anos 60. A agricultura familiar é o meio de cultivo que é composto apenas por membros da família, diferenciando-se de outros meios de cultivo que contrata pessoas temporariamente ou fixas. Os agricultores familiares podem contratar trabalhadores desde que esses não ultrapassem 120 dias. Eles são segurados especiais. Importante ressaltar que, pessoas que não tem família, mas cultiva a terra, também é agricultor familiar, só que de forma individual e não familiar.

Para Miguel Altieri a agricultura familiar tem características diferenciadas de qualquer outro meio de produção, sendo ela por essência agroecológica, vejamos:

A agricultura familiar está presente em todos os biomas do país e se caracteriza por uma grande diversidade de organização e resiliência em cada um dos cinco biomas brasileiros, garantindo a segurança alimentar e nutricional da população. A forma de gestão das propriedades familiares, utilizando insumos da própria propriedade ou das redondezas, mão de obra própria, tendência em multiplicar materiais genéticos locais e participação em circuitos curtos de comercialização, as aproxima dos princípios agroecológicos. (ALTIERI, 1998).

Sendo assim, essa pesquisa pretende refletir sobre a agricultura familiar de Laje, sendo as mulheres as principais protagonistas das práticas agroecológicas neste município.

A agricultura é um espaço que homens, mulheres, jovens e crianças ocupam, mas historicamente os homens sempre foram vistos como os principais protagonistas e colocando principalmente as mulheres como ajudadoras dos maridos e pais. Também nas emissões de documentos pessoais, documentos de terra, escrituras e em locais de atendimento, como em posto de saúde ou hospital,

onde preenchem uma ficha com os dados das pessoas, os homens na sua ocupação sempre eram colocados como agricultor ou produtor rural, mas as mulheres sempre como dona de casa ou domésticas. Isso acontecia por questões hierárquicas de gênero, o homem sempre teve um tratamento diferenciado da mulher.

Isso acabou desencadeando um problema para os requerimentos de benefícios previdenciários, pois tais documentos serviam para subsidiar a profissão do agricultor (a). Muitas agricultoras não conseguiram acessar direitos previdenciários, principalmente aposentadoria porque tais documentos diziam que mulheres que trabalhavam uma vida no cultivo da terra, eram domésticas, do lar ou as vezes não tinha ocupação alguma. A partir de 2003 que o sindicato da agricultura familiar de Laje e associações rurais começaram a orientar o agricultor familiar como declarar seus dados para emissão de documentos. Essa orientação se dar até hoje, haja vista que as exigências para acessar os benefícios previdenciários aumentaram muito a partir de 2016, quando o Brasil teve uma conjuntura política instável.

Essa pesquisa não tem como objetivo desmerecer o papel do homem e suas contribuições na agricultura familiar, mas analisar como mulheres que passaram por lutas pessoais, econômicas e sociais, conseguiram ocupar espaços de falas e poder, ascender economicamente, fomentar os conhecimentos e suas contribuições para a classe. Como afirma, Marion & Bona (2013) a agricultura familiar é um espaço cada vez mais ocupado por mulheres embora a situação está longe do ideal.

Com o surgimento da agricultura familiar vemos a mulher assumir um papel cada vez mais relevante, tendo em vista a introdução da mecanização e tecnologias que facilitam as atividades quanto a necessidade de força bruta, proporcionando maior espaço de atuação às mulheres agricultoras. Mesmo assim, a situação está longe do ideal, ora por preconceito da unidade familiar, ora por falta de incentivo e capacitação. Sua dedicação e contribuição para com este regime vem aumentando gradativamente, uma vez que este modelo de produção não se utiliza da mão contratada, limitando suas atribuições aos membros da família. (Marion, 2016).

Ouso-me em afirmar, que as mulheres não estão ocupando estes lugares apenas agora, mas sempre estiveram lá, no roçado, no plantio, na colheita, no

guardar das sementes... sem mulher não há agroecologia, conforme: SILIPRANDI,2015, Marion & Bona 2013, ANA (Articulação Nacional de Agroecologia), 2022, HADICH, 2021. No livro Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas a autora Emma Siliprandi enfatiza que as mulheres que começam esse processo de agroecologia, mas os homens assumem quando está dando certo.

A agroecologia é um movimento relativamente novo no Brasil, e há estudos que mostram que, muitas vezes, são as mulheres quem iniciam a 'conversão' da propriedade para sistemas sustentáveis, por estarem mais envolvidas com as propostas que tratam da saúde e da alimentação das famílias. Porém, em função da forma como se organizam as relações de produção e as relações familiares nesse tipo de agricultura, é comum que, quando o empreendimento comece a ter resultados positivos, o comando das atividades volte para as mãos dos homens. (SILIPRANDI, 2015)

Falar sobre mulher e agroecologia não é apenas falar dos processos de cultivo, mas discutir como essas mulheres vivem em seus diversos e múltiplos papéis sociais. Seja como esposa, como mãe, como cidadã, como agricultora...

É desafiador pesquisar e escrever sobre um tema pouco explorado na historiografia. Afinal, falar do solo e seu cultivo é uma área explorada mais pela geografia. Mas penso que falar sobre a natureza e sobre mulher, além de ser uma questão social, de justiça, também é uma questão histórica. Para March Bloch a História é a ciência do homem no tempo, então, entender como aconteceu esses processos no município de Laje, principalmente nos anos de 2007 a 2016 é de muita importância para o legado de mulheres na agricultura familiar.

Para Donald Worster, é preciso ampliar os horizontes, afinal a História positivista não cabe mais. No seu livro, Para fazer História Ambiental, ele alerta:

..., portanto, a história ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana. Há um consenso de que a 'natureza' designa por um mundo não-humano, o mundo que nós não criamos originalmente. O "ambiente social", o cenário no qual os humanos interagem uns com os outros na ausência da natureza, fica, portanto, excluído. Excluído também fica o ambiente construído ou fabricado, aquele conjunto de coisas feitas pelos homens... (Worster, p.201)

Então é necessário escrever sobre o homem e natureza. Além disto, historicamente o homem modificou o lugar que ele vive, desde a descoberta do fogo, a utilização da pedra para fazer objetos cortantes, a fabricação de utensílios com argila... aos dias de hoje que os homens utilizam tantas herbicidas, venenos para a produção que adoce o meio ambiente e as pessoas, o desmatamento, a poluição dos rios e do ar... Sendo que a agroecologia é um dos meios para uma vida saudável e sustentável.

Não tem como pensar o homem fora do meio que ele vive, separados. Porque o homem está dentro na natureza e se o homem modifica a natureza com suas ações, conseqüentemente a natureza muda o homem através da sua força. As grandes tempestades que podem ser ações da natureza, mas também por conseqüências de atos humanos, por exemplo, faz com que, a humanidade pense como enfrentar esses fenômenos, na arquitetura, na engenharia, na produção, no trânsito...

Com efeito, outro fator que historicamente mudou a vida das pessoas em todo mundo são os novos métodos de produção de alimentos. Com a descoberta inicialmente de pesticidas, os homens começaram a produzir e vender para todos os lugares esses produtos para a produção agrícola, mas que eles são extremamente danosos a saúde. Esses métodos de produção é uma avassaladora dinâmica capitalista, que por essência quer mais e mais.

Infelizmente, muitos agricultores estão aderindo ao uso desses venenos que são chamados de defensivos agrícolas, que deveria defender a agricultura, não adoecer, mas muitos ainda preferem os métodos agroecológicos, que é o caminho de saúde, cuidado, amor e sustentabilidade. Aline Lima na sua pesquisa de campo constatou essa realidade no município de Laje.

Muito embora todos os camponeses que contribuíram com a pesquisa aleguem fazer a limpa manualmente, de modo semelhante ao relatado pelo naturalista francês citado por Aguiar (1982), é sabido que alguns optam por usar agroquímicos. O principal é o glifosato da marca Roundup⁷⁶. O uso desse tipo de veneno está sendo adotado indistintamente, na forma familiar, na forma comercial e na forma de alta tecnologia. Além disso, o Roundup tem custo acessível. Nas lojas existentes na cidade de Laje, ou nas vendas do espaço rural, um vaso (1 litro) custava

R\$ 30,00, em fevereiro de 2014. Para usá-lo, basta diluir 200 mil do líquido para cada 20 litros de água. (LIMA, 2014)

Dessa forma, o sindicato da agricultura familiar de Laje, a FASE e associações vem trabalhando na conscientização e educação ambiental na agricultura familiar de Laje, pois o agricultor familiar, a partir do momento que ele começa a fazer uso desses venenos ele é descaracterizado da categoria, uma vez que a agricultura familiar como afirma Altieri, Siliprandi tem por sua essência a segurança alimentar.

O uso dos pesticidas, foi introduzido na Segunda Guerra Mundial, nos anos de 1942 para combater os mosquitos. De acordo com Siliprandi inicialmente a pesticida conhecida como DDT (dicloro-difenil-tricloetano) para o combate dos mosquitos em regiões tropicais, mas essa saiu do controle e foi usada em todo mundo nas lavouras, causando danos graves a saúde de muitas pessoas.

Um dos primeiros alertas massivos sobre os riscos ambientais e para a saúde humana do uso das tecnologias modernas havia sido feito em 1962 pela bióloga norte-americana Rachel Carson, com a publicação do livro *Silent spring*. Nesse livro, Carson analisava o caso de um organoclorado, o DDT (diclorodifeniltricloetano), desenvolvido durante a Segunda Guerra Mundial para combater mosquitos, posteriormente utilizado como inseticida agrícola. Ela relacionou o seu uso ao desaparecimento de espécies (particularmente pássaros) e ao surgimento de doenças tais como o câncer. Questionava a lógica de utilização em grande escala de produtos sintéticos sobre o quais não se tinham informações suficientes, provocando uma reflexão dos movimentos ambientalistas nascentes acerca da necessidade de construção de mecanismos de regulação pública na área ambiental. Até então, os movimentos conservacionistas nos Estados Unidos trabalhavam somente com a ideia de criação de “ilhas de preservação da natureza.” (SILIPRANDI, 2015, p. 46)

Isso, para entender que hoje são produzidas milhares de pesticidas, herbicidas, venenos, que causam doenças como o câncer, problemas respiratórios, além de adoecer o solo, as plantas, os rios, animais e o ar, mas as pessoas continuam usando em nome do progresso, principalmente o agronegócio que produz em grande escala para vender ou comercializar no mercado nacional e, sobretudo, para atender às demandas da exportação.

Segundo a Revista Brasileira de Cancerologia, na última década houve um aumento de 20% dos casos de câncer no mundo e até 2030 serão mais de 25 milhões de novos casos. Todos esses casos estão associados ao modo de vida das pessoas. Aponta ainda que:

Estimativas do número de casos novos de câncer são uma ferramenta poderosa para fundamentar políticas públicas e alocação racional de recursos para o combate ao câncer. A vigilância do câncer é um elemento crucial para o planejamento, o monitoramento e a avaliação das ações de controle do câncer. No Brasil, na última década, observou-se uma melhora expressiva na disponibilidade e na qualidade das informações sobre incidência e mortalidade por câncer. A vigilância de câncer, no escopo das ações de controle das doenças não transmissíveis, apoiada nas melhores informações disponíveis, obtidas dos registros de câncer (populacionais e hospitalares) e do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM)³, fornece subsídios para que os gestores monitorem e organizem as ações para o controle de câncer, bem como o direcionamento da pesquisa em câncer. (2023) POR NOME DO(A) AUTOR(A) E PÁGINA

Na verdade, apenas o monitoramento não é suficiente para frear o crescimento do câncer, além disso precisa efetivamente a proibição de tais venenos em território nacional, já que em outros países é definitivamente proibido, saúde de qualidade, educação ambiental e políticas públicas que fomentem tais práticas agroecológicas.

2.2. MULHERES NA AGRICULTURA.

Essa pesquisa que tem as mulheres como protagonistas da agroecologia e das lutas no município de Laje, além dos fundamentos teóricos, é fundamentada também na fonte oral. Sendo assim, foram feitas entrevistas com sete mulheres que estão e estiveram na agricultura. Mesmo que algumas foram por outros caminhos e que não estão dentro das características da agricultura familiar, as contribuições para esse processo foram significativas.

São mulheres de 34 a 59 anos que tiveram e tem trajetórias de vida importantes e merecem serem contadas. Por terem histórias de protagonismo, estão dando suas contribuições para essa pesquisa. Salientando que duas delas não são agricultoras, mas que já foram ou suas profissões estão ligadas a agricultura. As outras cinco mulheres, todas permanecem como agricultora familiar, duas tem ensino superior completo, uma, ensino superior incompleto, outra, ensino técnico

completo e outra, fundamental completo. A seguir, traçaremos o perfil social do grupo estudado.

Maria Matos é uma mulher que tem muita força na fala e nas ações. Ela hoje é Microempreendedor Individual, mas exerce também o trabalho da agricultura. Tem 59 anos, divorciada, mãe de dois filhos, avó de dois netos, reside na Fazenda Borges zona rural de Laje e se declara preta. A mesma já citada anteriormente – como todo o município a conhece – esteve desde o começo no chão do sindicato, desde 1988, como ela afirma em entrevista. Se afastou um tempo e voltou nos anos 2000 para compor a diretoria do mesmo, onde ficou até 2007.

Outra protagonista dessa história chama-se Adaildes (Dai), 48 anos é uma mulher que conseguiu mudar a vida da sua família através das oportunidades que o sindicato com a FASE lhe proporcionou. Agricultora, união estável, mãe de três filhos, preta, residente na Fazenda Rio da Dona município de Laje. Vive com o companheiro e um filho exclusivamente da agricultura familiar.

Quem também surgiu nos trilhos da agroecologia foi Veronice (Vera da FASE) é uma mulher de 41 anos, forte, consciente e politizada. Suas falas cheias de beleza, política e cuidado. Técnica agrícola, mas prefere ser chamada de educadora popular, formada em biologia, divorciada, preta, residente em Mutuípe Bahia, mas exerce o trabalho de educadora popular também no município de Laje.

Também compõe esse grupo social Jucélia (Jucélia do sindicato ou Juka) é uma mulher que tem na sua pele, na fala e na postura a resiliência. Com 40 anos, é agricultora, solteira, mãe de um filho, presidente do SINTRAF, presidente do Polo Sindical da Região de Amargosa, formada em Assistência Social, preta, residente na comunidade Ronco D`Água município de Laje Bahia.

Nayara que compartilha da experiência agroecológica é uma mulher de 41 anos, politizada, forte, determinada e consciente. Esteve presidente do Polo Sindical da Região de Amargosa, foi diretora do SINTRAF, agricultora, união estável, mãe de uma menina, ensino superior incompleto, preta, residente na Fazenda Borges zona rural de Laje Bahia.

Mirian uma mulher de o sorriso largo e muito feliz com sua trajetória. Com 34 anos, formada em pedagogia, sonha em fazer psicopedagogia, agricultora familiar,

casada, mãe de uma menina, preta, residente na Comunidade Areia Fina município de Laje Bahia. Participou da escolinha sindical foi acompanhada pela FASE Ba.

No universo dessas trabalhadoras, destaca-se ainda Gleide dos Santos uma mulher de 34 anos, determinada e corajosa. Agricultora familiar, presidente da associação de moradores, técnica agropecuária, união estável, mãe de uma menina, preta, residente na Comunidade do Riachão zona rural de Laje Bahia.

Para essas mulheres que passaram por tantas coisas, tantas dificuldades, para estarem onde estão, que embora estejam em lugares de poder, de conhecimento, o ganho mais significativo é a consciência do papel da mulher. Elas trazem inspirações e certezas, afinal lugar de mulher é onde ela quiser.

3. ORGANIZAÇÃO DOS AGRICULTORES LAJISTAS.

O sindicalismo que historicamente é um meio de organização e defesa dos trabalhadores, surgiu no primeiro país capitalista, a Inglaterra. No século XVIII, com o surgimento da Revolução Industrial, muitos trabalhadores se organizavam em ajuda mútua, aqueles que ficavam doentes ou desempregados eram socorridos por essas sociedades que inicialmente não tinha cunho ideológico que vemos hoje, mas por solidariedade aos companheiros.

Com as máquinas ocupando cada vez mais os espaços de operários e a concorrência entre os fabricantes, fez com que os ricos ficassem cada vez mais ricos e o pobre cada vez mais pobre. Além que, provocou êxodo rural, condições de trabalho precário, mulheres trabalhavam nas indústrias com salários inferiores aos dos homens e tragicamente uma realidade social daquela época, as mulheres que tinham filhos, levavam seus filhos para as indústrias e muitas crianças também trabalhavam nessas.

Devido essa mudança sócio-política os trabalhadores precisavam de melhores condições de trabalho e os sindicatos foi uma ferramenta de luta contra os capitalistas (donos de máquinas, de matéria prima e fábricas).

O sindicalismo desde seu surgimento vem sendo atacado de todas as formas, principalmente politicamente. Através da política, criminalizam, matam, torturam, enfraquecem..., mas o sindicalismo, mesmo que as vezes inconsciente, seja na esfera mundial, nacional, estadual ou municipal tem se mostrado resistente. Exemplo, na Revolução Francesa em 1799, foi criada a Lei Chapelier que proibia encontros de trabalhadores, deliberações em reuniões...

17 jun. 1791

A destruição de todas espécies de corporações de cidadãos do mesmo estado ou profissão sendo uma das bases fundamentais da constituição francesa, são proibidas de serem restabelecidas de fato, sob quaisquer pretexto e forma que seja. 2. Os cidadãos de um mesmo estado ou profissão, os empresários, os que tem loja aberta, os trabalhadores e companheiros de uma arte qualquer não poderão, quando se encontrarem reunidos, nomear-se nem presidente, nem secretários, nem síndicos, manter registros, tomar decisões e deliberações, formar regulamentos sobre seus pretendidos interesses comuns. 3. É interdito a todos os corpos administrativos ou municipais de receber qualquer carta ou petição para denominação de um estado ou profissão, de lhe dar alguma resposta; e lhes

é ordenado que declarem nulas as deliberações que possam ter tomado desta maneira, e de velar zelosamente para que não lhe seja dada nenhuma sequência nem execução. (UFMG)

A legalidade dos sindicatos na França só foi alcançada a partir de 1884 e só durante a Segunda Guerra Mundial, com a disputa do Capitalismo e Socialismo, que países do continente americano, da África e países como a Itália e Espanha que os ideais socialistas ganharam força. Esse contexto mundial, proporcionou influências por ideais socialistas e fundações de instituições como os sindicatos.

Segundo Isabela Souza, no Brasil, os emigrantes tiveram grande contribuição para o sindicalismo, com a abolição da escravatura, muitos emigrantes que vieram da Europa, onde já existiam grandes conquistas trabalhistas, chegaram ao Brasil, mas encontraram relações de trabalho inferiorizada, daí começa essas organizações de direitos trabalhistas. Só em 1931, durante o governo provisório de Getúlio Vargas que foi decretada a Lei Sindical.

O Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil

DECRETA:

Art. 1º Terão os seus direitos e deveres regulados pelo presente decreto, podendo defender, perante o Governo da República e por intermédio do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, os seus interesses de ordem econômica, jurídica, higiênica e cultural, todas as classes patronais e operárias, que, no território nacional, exercerem profissões idênticas, similares ou conexas, e que se organizarem em sindicatos, independentes entre si, mas subordinada a sua constituição às seguintes condições:

a) reunião de, pelo menos, 30 associados de ambos os sexos, maiores de 18 anos;

b) maioria, na totalidade dos associados, de dois terços, no mínimo, dos brasileiros natos ou naturalizados; {...}. (Brasil POR NOME DO "AUTOR" EM CAIXA ALTA E INSERIR ANO E PAGINA)

Só em 1946 com a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) que os sindicatos foram reconhecidos e regulados em todo território nacional.

Art. 511. É livre a organização sindical, em todo o território nacional, para fins de estudo, defesa e coordenação de interesses econômicos ou profissionais.

Art. 513. São prerrogativas dos sindicatos:

a) representar, perante as autoridades administrativas e judiciárias, os interesses dos seus associados relativos às atividades ou profissões exercidas;

b) celebrar contratos coletivos de trabalho;

c) colaborar com o Estado, como órgão técnico e consultivo, no estudo e solução de problemas que se relacionem com os interesses econômicos ou profissionais de seus associados;

d) fundar e manter agências de colocação.

Art. 514. São deveres dos sindicatos filiados à Comissão Nacional de Sindicalização:

a) manter serviços de assistência judiciária para os associados;

b) promover a conciliação nos dissídios de trabalho;

c) fundar e manter escolas de alfabetização e pré-vocacionais;

d) cumprir as decisões e resoluções da Comissão Nacional de Sindicalização. (BRASIL, 1946)

Como a CLT regulou as instituições sindicais, muitos deles foram fundados, primeiramente os patronais que tinha como base trabalhadores de todos os campos, principalmente das indústrias, já que o Brasil estava no processo de industrialização. Os trabalhadores rurais estavam descobertos, eles não tinham sindicato específico para a categoria, só em 1962, a partir de duas portarias do Ministério do Trabalho e Previdência Social, iniciou-se o processo de implantação da estrutura sindical oficial no campo através das portarias: Portaria 209-A, que estabelecia o enquadramento de categorias e a Portaria 355-A que enquadrava os trabalhadores na lavoura, na pecuária e similares, trabalhadores na produção extrativa rural e produtores autônomos.

A luta dos sindicatos para permanecerem de portas abertas e para organizarem os trabalhadores, conscientizá-los como sujeitos históricos, políticos e capazes de provocar grandes transformações neste país, sempre foi árdua. Durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), os sindicatos foram fechados e muitos companheiros mortos, torturados e perseguidos. Só a partir do processo de Redemocratização na década de 1980 que os sindicatos foram gradualmente restabelecendo-se.

No livro Pensar com os outros- 50 anos de FASE: Trajetórias de uma organização da sociedade civil brasileira, em comemoração aos 50 anos da

federação, as autoras enfatizam as lutas de organização, inclusive durante o processo de redemocratização e pós ditadura militar brasileira.

Nos anos de 80, o investimento na formação e organização sindical foi um dos focos centrais da FASE, tanto na cidade como no campo. No contexto ainda incerto de abertura política e distensão “gradual e segura”, como afirma o governo militar final da década de 70, o surgimento de mobilizações sociais de escala significativa, tanto nas cidades como no campo, vinculadas direta ou indiretamente, em sua maioria, ao chamado “sindicalismo autêntico” - destacando-se as greves no ABC- dava feições mais radicais, participativas e populares ao processo de transição democrática. (LANDIM E PEREIRA,2011, p. 58)

Em Laje o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), que é o mesmo Sindicato dos Trabalhadores Rurais na Agricultura Familiar de Laje (SINTRAF) fundado em 1988. Período no qual a historiografia trata como Novo Sindicalismo, que segundo Leilah Landim nos anos de 1980 {...} do ponto de vista com a progressiva construção institucional democrática e do fortalecimento, nas bases, de organizações associativas e movimentos populares no Brasil. (p. 35) Essa organização aconteceu também em Laje Bahia. No começo a instituição passou por muitas dificuldades como a falta de um espaço próprio. A igreja católica na época cedeu um pequeno cômodo no porão da igreja, onde o sindicato fazia seus atendimentos, reuniões e assembleias. Até o sindicato conseguir uma sede própria, este passou a funcionar em vários endereços, muitos sócios reclamavam que iam no sindicato em determinado dia, quando retornava, não estava mais funcionando naquele endereço.

A partir dessas reclamações e a grande necessidade o sindicato junto com seus sócios fizeram campanhas para arrecadar fundos para a construção da sede. Graças a organização dos trabalhadores o sindicato tem uma sede própria localizada no bairro do Penedo, município de Laje.

A luta também foi para buscar um atendimento melhor para os sócios e com pessoas capacitadas para estes atendimentos. Vejamos:

{...}. Decidimos também comprar um computador, pois o sindicato está necessitando. Orlando falou das dificuldades que está tendo para exercer o projeto sobre a habitação, disse que tem que ter curso de informática e deu-se está disponível em 24 horas. Maria falou que ia procurar vê um curso de informática para alguns membros da diretoria. (Ata do sindicato, 2007)

A luta se dava não só pela organização, mas também por materiais de trabalho e mantimentos, afinal, o SINTRAF, é mantido apenas com as contribuições dos seus sócios. Ainda sobre a o processo de capacitação Maria Lourença Matos relata que:

Oh, quando eu cheguei no sindicato em 2001 naquele período, que aí depois que Lula ganhou, foi um momento que o movimento, antes o movimento era só luta. Só se falava em luta e aquela coisa. Aí Lula ganha aí a coisa melhora e começa as capacitações. Eu tomei muito curso de capacitação, muito, muito curso de capacitação. Tanto aqui no município, tanto no Polo, como na região, como fora, até fora do estado eu fui tomar capacitação. Eu estava na criação da FETRAF, e a FETRAF chegou capacitando muito esse pessoal para dar continuidade ao trabalho ou para começar um trabalho, que estava sendo, era tudo muito novo. (Maria Lourença,2023)

Mas esse espaço sindical era carente da participação dos jovens na diretoria. A escolinha sindical, criada por Honorato Mendes, conhecido por Renato do Sindicato, foi uma ferramenta para aproximar esses jovens da entidade sindical.

Nayara relata um pouco como aconteceu esse processo de organização dos trabalhadores rurais e inserção dos jovens nesses espaços.

Na época essa formação de jovens, era que a gente via que tinha as mesmas pessoas sempre, quando ia se formar uma direção poucos jovens participavam. Daí a gente teve a ideia de trazer dois jovens por comunidade e aí os jovens vieram e a gente começou a fazer um trabalho com a juventude. Se eu não me engano era uma vez por mês e era o dia todo. Que teve frutos, que deu certo. Não vou dizer que foi 100% de aproveitamento, mas deu frutos. Mas foi devido essa questão de não ter a juventude de não participar do sindicato, por não conhecer, até mesmo que os sindicatos, muita gente que entra, acha que é uma coisa, chega lá é outra. Tem gente que acha que rola rios de dinheiro, mas não é nada disso.

Então o que os sindicatos têm é conhecimento e briga boa. Quem quiser ter conhecimento e você quiser brigar bastante, é o lugar certo para você ir. Você vai sair com uma bela formação para o resto da tua vida. (Nayara, 2003)

Organizar os jovens, politizar e torná-los sujeitos críticos é um ato de luta, organização e coragem. Muitos desses jovens que passaram pela escolinha sindical estão no sindicato até hoje, como Jucélia Nogueira Brito que está como presidente do mesmo atualmente e cedeu entrevista para essa pesquisa. Outros jovens agricultores que passaram pelo processo de formação, estão em vários segmentos ligados a agricultura, outros não, mas que contribuíram com a entidade sindical em dados momentos, mas penso que o sindicato deu uma contribuição ainda maior para a vida dessas pessoas.

A luta pela permanência dos direitos e ampliação dos mesmos, a luta pela saúde, por assessoria técnica, a luta por políticas públicas e a luta na política, torna o SINTRAF de Laje um dos mais ativos do Vale do Jiquiriçá.

3.1. O PROTAGONISMO DAS MULHERES NOS ESPAÇOS.

As mulheres historicamente, sempre estiveram desenvolvendo atividades, no do âmbito doméstico e fora dele. Salientar que, mesmo aquelas que dedicaram suas vidas para a criação dos filhos e afazeres domésticos, essas, não devem ser em hipótese alguma o desmerecimento, mas um reconhecimento por suas histórias, afinal, não há tarefa mais árdua que o trabalho doméstico. No entanto, os homens sempre ocuparam o lugar de notoriedade e provedor do lar, como se ele fizesse tudo sozinho e a mulher apenas ajudadora. Essa realidade começou a mudar a partir da Revolução Industrial que ocorreu entre 1760-1850, por causa da grande demanda pelo qual o mundo estava passando, necessitava de mão de obra. A mulher no mercado de trabalho era subalternizada, além disso, tinha a jornada de trabalho exaustiva, salário inferior ao dos homens e ainda tinha que dar conta da casa, comida, filhos e marido.

Na agricultura não é diferente. Para poder falar de agricultura familiar e principalmente falar do protagonismo de mulheres nesse espaço, é devido a muita força, mas principalmente a escolha. Essas mulheres e tantas outras que inspiram e incentivam. Mulheres que decidiram estar neste lugar de luta, pertencimento,

coragem e ressignificação, mas sobre tudo, mulheres que valorizam a vida, a cultura, a História do povo do campo, bem como sua identidade.

Nas fundações dos sindicatos do Polo da Região de Amargosa, a partir de 1988, por exemplo, majoritariamente, eram formados por homens, as mulheres que ali estavam eram apenas para compor as porcentagens determinadas pelo estatuto e dificilmente ela seria uma presidenta ou tesoureira.

Vejamos a fala de Nayara quando ela foi presidente do Polo Sindical:

No início era muito difícil. Eu mesmo tive bastante brigas, arranca rabo e as pessoas que antecederam a mim, foram piores ainda. Mas já, e olha que eu não sou tão velha assim. Mas na minha época enfrentava muita resistência, por que o movimento social era composto mais por homens. As lideranças, até determinado tempo, eram mais homens, as mulheres estavam, mas não em papel de liderar, elas não se despontavam nesse meio para poder, mas é aquela questão, a mãe tinha filho, tinha isso, tinha aquilo e era complicado para a gente. Eu já cheguei em momento de homem levantar e querer me dar tapa e ter que enfrentar. Eles não aceitavam muito bem de uma mulher mandando uma região, um sindicato, um município, mas hoje, eu acho que tem muitas coisas para ser rompida, muita coisa estar velada, mas hoje eu acho que estar mais fácil do que antes. Pelo menos no movimento social. Eu não sei porque a gente conseguiu mostrar nosso... ou porque os homens acharam que já era espaço que a mulher mesmo, mais votado para mulher ocupar. Por que a mulher tinha filho, Bam, Bam...porque para uma mulher ir para uma reunião e levar o filho e se o filho ficasse chorando, isso e aquilo, era o maior bafafá. Que tava atrapalhando, que isso, que aquilo, mas hoje acho que estar mais fácil. (Nayara 2023)

Como podemos analisar e compreender a luta dessas mulheres em espaços ocupados por homens não foi fácil, mas um ato de resistência. Qual a dificuldade de um homem aceitar uma ordem de uma mulher? Ou o simples fato de uma mulher estar em um lugar de liderança e ele ter que acatar, como ele não sabe acatar uma ordem vindo de uma mulher, ele se achar no direito de querer bater na cara? E uma mulher/ mãe, não pode assumir a liderança por que tem filhos?

Quantas mulheres passaram e passam por desacatos, falta de respeito, assédio...só pelo fato de ser mulher. Ainda que ela tem qualificação profissional, mas se ela ocupa um lugar de destaque, em algum momento ela será colocada à

prova e se ela for preta, será ainda mais questionada. Sendo assim, mulheres precisam se apoiar e não parar jamais, sororidade é o que fortalece.

Para Emma Siliprandi além de todas as barreiras que as mulheres encontram para permanecerem nesses espaços, o fato de ser mulher é o que mais pesa.

A própria participação em uma organização ou movimento social também exige muita determinação. Para além das dificuldades enfrentadas normalmente por todos, homens e mulheres do meio rural (distâncias, falta de meios de transporte e de recursos financeiros, situações de conflito e violência, deslegitimação por ser agricultor, por não ter “estudado”), havia outras ordens de obstáculos, específicas da condição feminina: a oposição de familiares e vizinhos, a falta de apoio para ausentar-se de casa, o descrédito sobre a sua capacidade, por serem mulheres. Em particular, nas próprias entidades dos trabalhadores, são muitas as histórias de desvalorização em relação à sua participação. (p.217)

É notável que o fato de ser agricultor, como aponta Emma Siliprandi na citação acima, muitas pessoas principalmente moradores da cidade, acabam taxando como os tabaréus. Acham que os moradores da zona rural não têm saberes e nem conhecimentos. Essas práticas não ficavam apenas em pensamentos, mas em ações e em alguns momentos eram verbalizadas, como em encontros políticos, nas feiras, e principalmente nas escolas e instituições de ensino, quando acham que os moradores da zona rural, sequer sabem falar. Claro que hoje os tempos mudaram, as pessoas que trabalham e vivem na zona rural conquistaram seus espaços e tem muito a conquistar. Além de taxarem como tabaréus, esquecem que são essas pessoas que produzem alimentos de qualidade, sem agrotóxicos, que é um povo que tem beleza, cultura e identidade.

O movimento social, em especial a FETRAF (Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar), junto com os sindicatos da agricultura familiar que fazem parte da base da mesma, criaram algumas frases para os trabalhadores falarem ou gritarem como grito de guerra nos espaços, atividades, passeatas e manifestações. Algumas delas são: Se o campo não planta, a cidade não janta! Agricultura familiar as mãos que alimentam a nação! Agricultura familiar, mãos calejadas que alimentam o povo!

Essas frases para alguns não significam muito, mas para as pessoas que vivem da agricultura familiar e doam-se para a fomentação de direitos para a categoria, são frases de efeito, porque de fato, se o campo não planta, a cidade não janta, não almoça, nem toma café. Pode até jantar, almoçar ou comer, mas não será um alimento, apenas ingerirá um alimento industrializado sem as vitaminas necessárias para o corpo.

Também as pessoas costumam ficar surpresas quando uma pessoa da zona rural tem uma formação superior, quando é aprovado no concurso, quando tem uma boa moradia... as falas são sempre as mesmas: nem parece que é da roça. Anda toda bonita (o), nem parece que é da roça. Como se os moradores da roça, precisam andar sujos, unhas sujas, dentes podres, como são ilustrados os bonecos nos festejos juninos, sempre faltando dentes, simplesmente porque os festejos juninos são tradicionalmente representados por uma festa.

Enfatizo que, o povo da zona rural precisa de políticas públicas que atendam às necessidades dos moradores rurais, principalmente políticas que ampliam saúde, educação, infraestrutura e economia. Como afirma a moradora da comunidade Areia Fina município de Laje Bahia.

Hoje em dia, eu acho que já melhorou. A gente não encontra mais, tanto obstáculo, como antigamente, né!? A única coisa que deveria melhorar mais era mais incentivos governamental, mais projeto, mais políticas públicas, né!? Para tá engajando essa mulherada, esse povo todo da roça, para incentivar eles a continuar na roça. Porque assim, para tirar um pouco do êxodo rural, né!? Porque vai para a cidade grande pensando que vai encontrar as mil maravilhas e vai encontrar muita dificuldade. Muito não tem dinheiro nem para voltar para roça e fica lá passando dificuldade. A roça hoje estar oferecendo...a roça hoje estar maravilhosa, é energia, é tecnologia. A tecnologia tá ajudando muito o homem do campo. E u mesmo trabalho na agricultura familiar, mas não trabalho muito de inchada mais, é roçadeira, a gente não se acaba tanto como antigamente. Hoje em dia as mulheres da roça estão todas empoderadas, tá de unhas feitas, cabelos escovados...aí o povo pergunta tu trabalhas de roça? Né!? Assim não tem tanta dificuldade, as estradas ótimas pra escoar os nossos produtos. Às vezes a dificuldade que a gente encontra é as estradas, mas...bem melhor que antigamente. (Mirian, 2023)

Desse modo, é uma opção morar na zona rural e viver da agricultura, mas com dignidade e qualidade que os moradores rurais permanecerão na agricultura familiar.

3.2. MULHER E AGROECOLOGIA.

Quando se fala de agroecologia, para muitos, é uma utopia. Que esse modo de vida não se encaixa mais nos dias de hoje, haja vista que a demanda de alimentos está muito grande, o crescimento demográfico é grande, em 15 de novembro de 2022 éramos 8 bilhões de pessoas no planeta terra e em 2100, estima-se que serão 11,2 bilhões de pessoas, segundo as Nações Unidas. Então, as pessoas precisam de alimento e água para sobreviver. Logo, quando pensam em produção em longa escala, concluem que o modo agroecológico não dará conta.

Parafraseando Emma Siliprandi, 2015, que afirma que a agroecologia é um processo. Não é de uma hora para outra que as pessoas pensarão e agirão no bem-estar da natureza e das pessoas. Práticas como deixar de usar venenos, refrigerantes, jogar lixo nos rios, praias, ruas e em outros locais, não comprar madeira ilegal, escolher um modelo de veículo menos poluente, fazer pequenas hortas, mesmo que em vasos... são essas pequenas práticas que a sociedade civil pode fazer. Quanto ao poder público, políticas públicas para diminuir o despejo de esgotos nos rios e córregos, fiscalização das indústrias para não jogar dejetos em locais inapropriados, fiscalização e proibição da venda dos venenos com alta probabilidade de doenças, e entre outros. Essas ações são agroecológicas.

Veronice, técnica agrícola, bióloga e especialista em meio ambiente e agroecologia enfatiza que o simples fato de não comprar remédios pela mesma fabricante de venenos é um grande ato de agroecologia.

Tem coisas que por lei é proibida lá fora e no Brasil e o Brasil fez vista grossa. O roundup é vendido é na garrafa de refrigerante, gente!? Como é que pode você chega lá e diz: quero um litro de roundup. Vai e vende na garrafa de refrigerante. O agricultor que bota junto com as comidas. Eu acho que falta política também, de nas redes sociais, a gente não tem política de não uso, são poucos, de agrotóxicos. A mesma empresa que produz o veneno, BAYER, ela produz o remédio e aí é só um fato eu fui comprar uma medicação em Valença, e aí o cara com alguns remédios

laboratório da BAYER, entendeu? Eu falei assim: você tem remédios de outro laboratório. Aí ele falou assim: eu vou ver aqui. Por que desse laboratório aqui eu não compro não. Aí ele ficou curioso...aí ele pegou outro e disse, eu posso lhe perguntar por que que você não comprou o remédio dessa empresa? Eu disse pode. Porque esse mesmo aqui, que estar me vendendo essa medicação, é o mesmo também que estar me envenenando, para eu adoecer e voltar aqui e comprar o remédio. Então por essa...aí ele... realmente. Pois é. Então por isso que eu não compro o remédio não é nada contra você, contra a farmácia de vocês. Porque qualquer medicação dessa marca eu não compro. Isso é agroecologia. (Veronice, 2023)

Então isso é um ato político e consciente. Fato que os brasileiros estão comendo veneno. Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA) esses venenos são extremamente danosos a saúde, causando câncer, doenças respiratórias e o Parkinson, paralisias, intoxicações, lesões cerebrais, alterações comportamentais, tonturas, cólicas, em mulheres grávidas perda do feto e tantos outros malefícios.

No município de Laje raramente se ver órgão ou o poder público fiscalizando essas práticas, ao contrário, não tem uma fiscalização A PARA (Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos), foi criado em 2001 com o intuito de avaliar continuamente os níveis de resíduos de agrotóxicos nos alimentos de origem vegetal. O relatório dos 2011 e 2012 apontam que 36% e 29% das amostras de alimentos, possuíam níveis de agrotóxicos acima do permitido. Só no morango foram detectados todas essas fungicidas e inseticidas, Abamectina*, Aldicarbe, Azoxistrobina*, Benalaxil, Boscalida, Captana, Carbendazim,* Carbossulfano, Ciflutrina, Cipermetrina, Clorfenapir, Clorotalonil, Clorpirifós, Deltametrina, Ditiocarbamat, Endossulfam, Espinosade, Espirodiclofeno, Espiromesifeno, Etofenproxi, Fempiroximato*, Fempropatrina*, Flufenoxurom, Fluquinconazol, Imidacloprido, Indoxacarbe, Lufenurom, Metalaxil-M, Metamidofós, Miclobutanil, Piraclostrobina, Pirimetanil*, Pirimifos-metílico, Procimidona*, Procloraz, Profenofós, Tiabendazol e Triazofós.

Ainda segundo a PARA a laranja e o abacaxi, são alimentos que mais concentram resíduos. Muitos dos venenos têm a capacidade de penetrar a polpa do alimento, principalmente quando a casca está pouco espessa ou mole. Diante desses dados, percebe-se que a população estar adoecendo e a produção de

“alimentos” está batendo recordes todos os anos, mas, quantidade não quer dizer qualidade, conforme diz o ditado popular. Vejamos:

Então, eu vejo como a soberania alimentar o princípio. É importante dentro da agroecologia, porque a partir do momento que eu indivíduo, entendo que eu tenho que produzir um alimento limpo para mim e para o próximo, e eu começo a produzir na minha área, além de garantir a soberania alimentar e nutricional da minha família eu ter controle daquilo que eu estou comendo, né!? Por que assim, segurança alimentar é uma coisa, eu tô dizendo que eu estou consumindo um produto limpo, livre de agrotóxicos, a soberania é você ter. Você garante seu alimento, sua família tem, mas a segurança é a qualidade daquele produto, né!? Como é que me garante realmente que esse produto ali está limpo? Então a partir do momento que você agricultor familiar, entende a importância da agroecologia e você trabalhar para produzir só alimento limpo, não só para você, mas para os outros, eu acho um ganho muito importante, porque quando você também começa a trabalhar, a agroecologia é diversidade, é você olhar a propriedade como um todo. (Veronice, 2023)

A agroecologia não é apenas o ato da produção, mas o cuidado das pessoas, do solo, dos rios e fontes e do ar. As mulheres sendo protagonistas da agroecologia, temos que analisar não só no ato da produção, mas todo o contexto que a mulher estar inserida. Veronice no seu trabalho de educadora popular, pela FASE BA, acompanha muitas mulheres e o trabalho que a FASE desenvolve é além da assistência técnica, mas o trabalho de orientação social e educacional. Ela narrou que:

Só que não é só a geração de renda. Aí entra as questões das formações, né!? {...}. Aí quais os temas que são trabalhados? Mas uma vez é baseado na realidade das mulheres, então ele trabalha violência contra mulher, a gente trabalha a saúde da mulher, aí trabalha as capacitações, por exemplo, as mulheres gostam de fazer bordado, a gente providencia um profissional da área de bordado, uma mulher profissional e leva. Ah, eu quero aprender a fazer sequilhos, compota... então a gente faz, tipo se for algo que a equipe técnica domine, faz, a gente busca os parceiros e faz capacitação dessas mulheres. Né!? Atividade de empoderamento das mulheres também é importante, do autocuidado, até a informação sobre o autocuidado das mulheres, a questão da baseada na saúde mental das mulheres, {...}. (Veronice 2023)

É importante enfatizar que essa pesquisa não tem o intuito de dizer que a agricultura familiar lajista é agroecológica e modelo para outros municípios, mas valorizar o trabalho que vem sendo desenvolvido, principalmente por mulheres. Neste recorte da pesquisa 2007 a 2016, foram muitas lutas, conquistas e perdas. Perdas de direitos, principalmente com o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. É de suma importância lutar por políticas públicas que amparem e deem condições de vida digna e saudável para povo do campo, em especial as mulheres que por vezes sofrem com violências físicas, patrimonial, sexual, moral e psicológica.

Em entrevista Maria Loureça, ela fala das dificuldades enfrentadas quando estava secretária de ação social do município de Laje.

{...} as políticas são feita para, infelizmente elas não são feitas para atender, elas são feitas para ficar bonita no papel, para dizer que tem. É igual ter uma mesa bonita, eu te chamar e tu chegar e tu vê as mesas ali e eu ficar conversando, tipo o tempo todo, não te deixar tu comer, não te oferecer aquela comida. Então é assim. Porque se faz tudo muito bonito, não o quê... por que aconteceu isso no meu caso, por que já passei pela Secretaria de assistência e quando você pega uma situação dessa você não encontra uma casa de apoio para deixá-la, você não sabe onde guardar ela quando ela estar sendo ameaçada pelo marido, você não sabe o fazer essa família, é uma família que tem filhos, quem vai sustentar? Porque não é uma coisa que você vai tirar um mês, dois, três... você pode...ah o município pode até o município paga o aluguel. Mas os móveis? E quem vai dar roupa? E quem vai dar comida? Quem vai sustentar? Não existe uma política de fato para atender essa mulher que está vivendo violência doméstica. É só no papel. Tudo é muito bonito, mas quando só para começar: quando você chega na delegacia você é criticada, quando você vai tentar dar queixa é deixado para amanhã, é uma situação que a gente fica frustrado de acessar isso aí. Eu já vi protagonismo de mulheres que conseguiu avançar com sua independência, a questão do trabalho, de poder ter a sua propriedade, de poder ter sua roça, de puder acessar o seu empréstimo, de poder sair às vezes, até de uma rotina de dependência do marido, isso aí eu já vi, mas a que sofre violência, para sair, ela tem que ser muita mulher. Ela tem que sair com força própria. Por das políticas, das que existe eu nunca vi acessar e ela vai chegar. Posso te dizer que nunca vi. (Maria Lourença, 2023)

Quando SILIPRANDI, 2015, MARION e BONA, 2013, ANA (Articulação Nacional de Agroecologia), 2022, HADICH, 2021, afirmam que sem mulher não há agroecologia, também afirmam que sem políticas públicas para mulheres e se elas não puderem acessar de fato, não há agroecologia.

3.3. OS PARCEIROS DA AGROECOLOGIA.

Trazer as instituições e órgãos que atuam como parceiras da agricultura familiar no município de Laje Bahia tem muita importância, além do reconhecimento. Talvez sem essas parcerias, não estivesse tantos agricultores familiares conscientes e persistentes.

Quem estar de fato na lida, plantando, colhendo, enfrentando a dureza do sol quente e tantas outras adversidades, sabe que plantar de forma agroecológica ou está no processo agroecológico, não é fácil. A relevância de saber que não estão sozinhos nessa prática produtiva, fortalece.

O não estar sozinho é saber que tem órgãos e instituições pensando no bem-estar da agricultura familiar, como a CEPLAC (Comissão Executiva do Plano Lavoura Cacaueira), Secretaria de agricultura e Meio Ambiente de Laje, FASE BA, Associações do município lajista, Banco do Nordeste, FETRAF e SINTRAF.

Entendendo a importância de cada um desses parceiros faz-se necessário conhecer um pouco sobre eles. A CEPLAC é um órgão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), trabalha exclusivamente com a cultura cacaueira. No município de Laje além de promover palestras educativas sobre o manejo e melhoramento da lavoura cacaueira, oferece assistência técnica agrícola e promove seminários. A CEPLAC foi licenciada para atuar no município de Laje em 14 de fevereiro de 1979.

A Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente do município de Laje tem técnicos agrícolas disponíveis para os agricultores, dois tratores agrícolas, atua junto com as associações nas chamadas públicas do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e no PAA (Programa de Aquisição de Alimentos).

A FASE BA, é uma organização bem atuante no município de Laje Bahia e tem como objetivo promover a segurança alimentar e nutricional e a agroecologia, fortalecendo a organização comunitária, sindical e cooperativista, trabalha

principalmente com mulheres e jovens. A FASE BA, atua no município de Laje proporcionando assistência técnica, formação, certificação orgânica, gestão de fundo solidário rotativo de grupos de mulheres, gestão de projetos produtivos assumidos por associações comunitárias, capacitação, formação, acompanhamento de famílias, associações e entidades em editais públicos.

As associações do município de Laje são bem atuantes, elas desenvolvem um trabalho em parceria com o SINTRAF na organização e fortalecimento da agricultura familiar. Elas promovem reuniões comunitárias, orientam os trabalhadores sobre o não uso de venenos, bem como o incentivo ao plantio, cuidado com o solo e nascentes.

Banco do Nordeste, atua no município de Laje promovendo palestras e orientação sobre e para o acesso ao PRONAF, método diferente de outros bancos, afinal, o fato de fazer palestras e ali mesmo o agricultor poder fazer sua proposta ao PRONAF, aproxima o agricultor do banco. É um outro tipo de experiência com instituições financeiras que atuam dentro de lógicas do sistema capitalista

FETRAF Bahia é a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar, no qual o sindicato de Laje está filiado. A FETRAF além fazer frente na defesa e ampliação dos direitos dos trabalhadores na agricultura familiar, proporcionou muitos projetos e benefícios para a categoria, como tratores agrícolas, poços artesianos, habitação rural...

SINTRAF de Laje, é um sindicato bem atuante no município. Hoje, segundo o sindicato de Laje, a instituição tem 13.504 filiados, sendo 8.003 mulheres e 5.501 homens. O sindicato de Laje foi fundado em 31 de abril de 1988, nesses 35 anos de luta e resistência, o sindicato não focou apenas no potencial sindical, a previdência social, também abrangeu e outros campos, como atividades do Março Mulher, Outubro Rosa, novembro azul, doação de alimentos, inclusive orgânicos, Escolinha sindical, formação para os membros da diretoria, orientação e formação para as associações, cursos de culinária, cursos para beneficiamento para alimentos, entre outros; o sindicato de Laje é um espaço político e de ampliação de experiências para essas mulheres.

4. LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER!

Nas tessituras que se desenrolarão a seguir nesse texto, o leitor encontrará sete mulheres de coragem, força e resiliência que se propuseram a falar um pouco de suas vivências para que esse trabalho ganhasse forma. Nesse trabalho, as fontes orais têm uma grande contribuição, porque as mulheres entrevistadas, lembraram da infância, do processo educacional, do plantio com a família, dos planos de antes e do agora, das brincadeiras nos rios, dos que já se foram e muitas das vezes, as lágrimas silenciaram a fala por alguns instantes. Enfatizar que as fontes orais além de grande importância são também muito exigentes. Exige responsabilidade de ambas as partes, do entrevistado e do entrevistador.

Segundo Amadou Hampaté Bâ, o testemunho é a ligação do homem e a palavra.

O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia da transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra. (p. 168).

Sendo assim, as entrevistas realizadas para essa pesquisa, que também é um lugar de fala, onde puderam mostrar através de suas Histórias, a força e a resistência dessas mulheres na agricultura familiar e de tantas outras que se sentem representadas por elas.

Jucélia Nogueira Brito é uma mulher que sabe bem os caminhos que trilhou para poder pegar um microfone em qualquer lugar que seja, sem timidez, para defender os direitos de trabalhadores e também defender a mulher. Mas ela sabe que nem sempre era assim, mas o processo a capacitou e tantas outras que hoje sabem a importância de fazer o que querem, desde que não fere as leis e os direitos e deveres de cidadã.

Se eu quero hoje jogar bola, eu vou jogar bola. Se eu quero hoje ser dona de casa, vou ser dona de casa. Se eu quero hoje ir para minha roça,

eu vou para minha roça. Se eu quero fazer uma faculdade, eu vou fazer. Enfim, a gente precisa ir, aí eu espero, né!? Que todas as mulheres consigam um dia, porque eu sei que não é fácil. Muitas pessoas ainda, muitas mulheres ainda não conseguiram fazer com que essa frase realmente tenha um peso na vida delas, não porque não querem, mas porque existe vários elementos que faz com que ela não tenha essa coragem de se colocar e estar onde ela quiser. (Jucélia).

Ser uma mulher politizada, empoderada e feminista não vale nada se a ela não tiver sororidade e entendimento que muitas mulheres estão ainda nesses lugares de violência, de atos machistas, porque existem vários elementos que ocasionam isso.

Também existem muitos espaços que as mulheres podem estar, que precisam apenas da ajuda de outras mulheres, como fala Maria Lourença.

Por que seu acho que lugar de mulher é onde ela quiser, se eu quisesse ajudar a mulher chegar lá, na hora que uma mulher saísse candidata, as outras mulher ia sair fazer campanha. E aí vamos botar quatro, cinco, seis mulher na câmara. Vamos tomar aquela câmara, as mulheres se juntavam e faziam, faz? Então lugar de mulher é onde ela quiser. Sim, eu quero ir. Tem lugares que eu quero ir, tem que alguém me ajudar a chegar lá e não adianta eu querer e as outar não querer, a sociedade não querer, isso não me dá uma oportunidade para chegar lá. (Maria Lourença 2023)

Portanto, existem outros espaços que as mulheres precisam estar com mais amplitude. Segundo o IBGE de 2022, que em dezembro deste ano 83,9% da população já havia sido recenseada, o Brasil tem 178 milhões de pessoas, sendo que 51,1% são mulheres. Ainda segundo o IBGE, na faixa etária de 25 a 29 anos o contingente de mulheres e homens é similar, mas a partir dos 30 anos, as mulheres são maioria que os homens.

Esses dados são para reafirmar a fala de Maria Lourença. As mulheres sendo maioria não conseguem ter a maioria no espaço político por exemplo. Sendo assim, as leis e políticas públicas que falam de mulheres, estão sendo feitas, votadas por homens, quando são. Porque as mulheres carecem de mais políticas públicas e leis que contemplem inúmeras situações.

Vale a pena trazer aqui outros dados importantíssimos sobre essa conjuntura. Na câmara federal, são 513 vagas, apenas 91 são ocupadas por mulheres, no senado de 81 cadeiras, apenas 15 são ocupadas por mulheres, na ALBA (Assembleia Legislativa da Bahia), de 63 cadeiras, apenas 7 são mulheres e no município de Laje de 11 cadeiras, apenas 1 mulher é vereadora. Em 118 anos de emancipação política, Laje teve apenas uma mulher como prefeita. Portanto as mulheres precisam ascender na política, não para compor chapa ou como cabo eleitoral, mas buscar os espaços e estarem ocupando.

4.1. OS ESPAÇOS DE LUTAS E FALAS.

A meritocracia é termo que vem sendo muito criticado quando se refere a determinadas pessoas, que se destacam dentro de uma sociedade, grupo, raça, gênero...e muitas vezes as pessoas acabam propagando falas desse cunho meritocrático.

Quando uma pessoa preta consegue passar em um concurso por exemplo e se ela for bem colocada, com toda certeza, aparecerá nos jornais e redes sociais frases do tipo: "*Filha de porteiro e faxineira conseguiu passar em medicina na USP*". (G1,2023) Ou ainda, "*Mesmo sem computador e estudando pelo celular, jovem entra na faculdade de medicina*". (Social Bauru, 2015) São falas perigosas, porque desmerecem tantas lutas travadas diariamente.

Assim também acontece com mulheres, o fato de estar em um cargo de destaque, de ter boa formação acadêmica, de saber, de ser a presidente de uma empresa ou de país, parece que a sociedade quer sempre pôr em xeque o fato da mulher "ser e poder", além de justificar todas conquistas pelas mulheres, como meritocracia.

Entender também que falar de mulher e agroecologia, não é falar que as mulheres devam apenas trabalhar na roça e com a terra, mas também tem outros meios de fazer agroecologia como afirma Siliprandi.

A organização das mulheres rurais tem se dado não apenas nos sindicatos e nos movimentos sociais, mas também em associações e grupos de produção, que desenvolveram experiências produtivas alternativas no nível das propriedades; na criação de centros de formação, para prestação de assessoria técnica e organizativa; na formação de

espaços de comercialização, cooperativas, associações. Todos esses grupos vêm se somando aos distintos movimentos para pressionar os governos pela adequação das políticas públicas às propostas das mulheres, ao mesmo tempo que reafirmam para o conjunto da sociedade a sua especificidade. (p.134)

Portanto, mulheres precisam cada vez mais, ocupar espaços para melhorar e fomentar direitos e políticas públicas para o gênero e isso é agroecologia.

4.2. AS LUTAS ENFRENTADAS.

Através das histórias das entrevistadas para essa pesquisa, analisa-se que as lutas para poder dizer “Eu não me arrependo de nada que fiz” e ainda “Eu vou usar a frase de irmã Dulce, né!? Faria tudo de novo. Do mesmo jeito que fiz lá atrás.” (Jucélia). Não é apenas o ato de falar, mas falas carregadas de certezas e que tudo valeu muito a pena.

As primeiras das lutas para algumas dessas mulheres, era ter os mesmos direitos que os irmãos homens. Como jogar bola, brincar de gude, montar de cavalo ou no jumento. Coisas simples, mas o simples fato de ser mulher, impossibilitavam. Adaildes Brito Santos, na sua entrevista relata bem sobre essas vivências na sua infância.

A gente fazia tudo, porque um exemplo: água quem buscava, né!? Era os zomi, né!? E a gente fazia porque gostava de montar em animal e pai mais mãe não deixava. Aí a gente ia para tá montano de animal, pai mais mãe não deixava (risos). A gente subia e descia. (Adaildes, 2023)

Na verdade, sempre existiu, né!? Muito embora no decorrer dos anos a gente foi quebrando aos poucos, mas, acho que toda a família existe isso. Não nessa época porque as coisas estão mais claras, mas antigamente era assim. O trabalho normal, a mulher poderia ir para roça também, é fazia todos os serviços, porém menina não podia jogar bola com menino, menina não podia fazer capoeira, porque era coisa de menino. Então existia também essas situações. (Jucélia)

Então, com relação ao trabalho da casa sempre tinha essa divisão. Os homens eram mais na questão da roça e as mulheres era para cozinhar, lavar, passar e ainda ir para roça, risos, então a gente tinha tudo isso né então por mais que a gente estudasse, assim, mas a gente tinha que ajudar a fazer as coisas de casa. (Veronice)

Como podemos perceber, desde criança que a mulher é impedida de fazer coisas, por acharem que não é o apropriado. Outra situação comum no meio rural é que a mulher tem que fazer tudo e ainda ir para roça, “ajudar”, mas os homens geralmente só trabalham na roça e não “ajudam” as mulheres nos serviços domésticos.

Outro desafio encontrado durante a infância era o direito de estudar. As entrevistadas relataram inúmeras dificuldades para conseguir chegar até a escola.

{...}a farda era uma saia (risos) e uma blusa branca. Uma saia azul marinho de prega, que eu lembro que foi minha avó que fez para mim e eu só tinha uma também, era uma loucura, por que eu tinha que chegar em casa e tá passando naquele ferro a lenha para poder enxugar, não dava para ter mais de uma farda. Então, era essa farda um sapatinho, só que o sapato eu não tinha condição de comprar, (risos) então eu ia de havaiana e aí era muito doloroso para mim, porque assim, acabava que eu quebrava muitas havaianas, quebrava muito rápido, menino que corria muito...aí eu colocava arame. Só que criança se distrai, então eu chegava na escola, eu colocava meus pezinhos assim e aí os colegas via e começava a fazer resenha, que procurou arame para compra na loja de seu Ângelo e não compraram porque tava tudo na minha sandália. Então sofri muito com relação a isso, né!? (Veronice)

O caminho era muito longe, a gente passava por muito pasto, de gado e às vezes tinha que cortar volta, passar por baixo de arame, por dentro dos matos mesmo. Não era estrada aberta assim não, era caminho bem estreitinho, ali por dentro do mato e se arranhava, minha perna é toda arranhada até hoje e aí a gente chegou lá. (Mirian)

Diante desses relatos é possível analisar o quão difícil foi para tantas mulheres para conseguir concluir o ensino médio e ter um nível superior. Também pensar em tantas outras que desistiram dos estudos por causa de tantas dificuldades.

4.3. O EMPODERAMENTO FEMININO.

Em uma sociedade que historicamente é patriarcal, mulheres sempre lutaram por igualdade, melhorias e direitos. Por exemplo, Maria Augusta Generoso Estrela, foi a primeira mulher brasileira a ser médica, nos anos de 1860. Em 1922, Anésia Pinheiro Machado foi a primeira mulher a pilotar um avião em um voo interestadual

no Brasil. Maria Quitéria é considerada a primeira mulher a se alistar no exército brasileiro. Dilma Rousseff, primeira mulher presidente do Brasil em 2011-2016. Citar essas mulheres que foram as primeiras a ocuparem lugares que até então eram ocupados por homens, tem muita importância e representatividade.

Falta muito para as mulheres ocuparem tantos outros lugares que venha fortalecer a luta da mulher. Reafirmar que o lugar de mulher é onde ela quiser. Se ela quiser estar na universidade, que esteja, se ela quiser estar na lavoura, que esteja, se ela quiser estar motorista, que esteja, se ela quiser ser policial, advogada, professora, comandante, doméstica, freira...que estejam elas nas profissões e ocupações que escolheram. Salientar, que para as mulheres estarem cada vez mais ocupando espaços na sociedade é uma luta do gênero, onde muitas mulheres perderam a vida pela causa.

Segundo Eva Blay no artigo 8 de março: Conquistas e controvérsias. Estudos Feministas, as lutas por melhorias trabalhistas, direito ao voto, entre outras reivindicações, aconteceram desde o começo do século XIX e XX, embora teve notoriedade mundial a partir de 1911, onde 129 mulheres e 23 homens morreram em um incêndio numa fábrica têxtil em Nova York. (2001)

A partir das lutas feministas, a ONU (Organizações das Nações Unidas) em 1975 instituiu o 08 de março, como Dia Internacional da mulher. Enfatizar que, a data não é devido a ONU achar as mulheres bonitinhas e por meritocracia, mas porque a luta das mulheres esteve presente todo o tempo a fim de equiparar os direitos dos homens. Ainda assim, a luta não pode parar, ainda há muito a ser conquistado.

Ainda segundo Eva Blay, a luta feminista no Brasil pelo direito ao voto teve início desde o começo do século XX.

Nas primeiras décadas do século XX, o grande tema político foi a reivindicação do direito ao voto feminino. Berta Lutz, a grande líder sufragista brasileira, aglutinou um grupo de mulheres da burguesia para divulgar a demanda. Ousadas, espalharam de avião panfletos sobre o Rio de Janeiro, pedindo o voto feminino, no início dos anos 20! Pressionaram deputados federais e senadores e se dirigiram ao presidente Getúlio Vargas. Afinal, o direito ao voto feminino foi concedido em 1933 por ele e

garantido na Constituição de 1934, mas só veio a ser posto em prática com a queda da ditadura getulista, e as mulheres brasileiras votaram pela primeira vez em 1945. (p 605)

O aprendizado com as conquistas é de uma valia imensurável. Assim como o direito ao voto, as mulheres conseguiram o direito em 1962 a aprovação do Estatuto da mulher Casada, Lei nº 4.212/1962. Esse, permitia que as mulheres pudessem trabalhar sem autorização do marido, direito à herança e pedir guarda dos filhos em caso de divórcio.

Em 1977 foi aprovada a lei do divórcio, Lei nº 6.515/1977. Até então as mulheres só tinham direito ao desquite. Em 2006, a Lei Maria da Penha nº 11.340/2002, que foi sancionada com o objetivo de combater a violência contra a mulher e em 2015 a Lei nº 13.104, Lei do feminicídio.

É importante destacar as conquistas da mulher, mas também compreender que muitas estão vulneráveis, sofrendo violência, desprotegida pelo Estado, não tem o alimento para nutrir seus filhos, são assediadas, desrespeitadas, sofrem preconceito, racismo..., portanto, a luta tem que continuar para a mulher usar o cabelo como quiser, a roupa que se sentir bem, o corpo que estiver e se sentir bonita.

Segundo o dicionário Aurélio a definição de empoderamento é: “Ação de se tornar poderoso, de passar a possuir poder, autoridade, domínio sobre; exemplo: processo de empoderamento das classes desfavorecidas” e “Passar a ter domínio sobre a sua própria vida; ser capaz de tomar decisões sobre o que lhe diz respeito, exemplo: empoderamento das mulheres.”

4.4. SAÚDE NA MESA, EM CASA E NAS ESCOLAS.

A agroecologia tem um grande papel sócio transformador na vida das pessoas. Além de proporcionar a cura do solo, das plantas, dos rios, lençóis freáticos, fontes, ar, animais e pessoas, também contribuiu na renda, na educação e no sistema de saúde.

Produzir alimentos saudáveis para chegar na mesa da família e das famílias contempladas pelo PAA e nas escolas, pelo PNAE não é apenas visar o lucro, mas a saúde de quem consome, um ato de responsabilidade social e amor ao próximo. O consumo de alimentos saudáveis impacta positivamente no sistema de saúde, pois o uso de insumos e agrotóxicos causam doenças.

Entender que, produzir por meios agroecológicos é um grande desafio para a agricultura familiar, dependendo do tamanho da propriedade, tem toda a possibilidade, mas quando a área é grande, é desafiador. Portanto, o desafio não é apenas a produção agroecológica na agricultura familiar, mas em grande escala. Para Altieri é desafiador a produção agroecológica para os pesquisadores, agricultores e formuladores de políticas.

A busca de sistemas agrícolas autossustentáveis, com baixo uso de insumos externos, diversificados e eficientes em termos energéticos, é a maior preocupação dos pesquisadores, agricultores e formuladores de políticas em todo o mundo. A agricultura sustentável geralmente refere-se a um modo de fazer agricultura que busca assegurar produtividades sustentadas a longo prazo, através do uso de práticas de manejo ecologicamente seguras (Pretty, 1995). Isso requer que a agricultura seja vista como um ecossistema (daí o termo agro ecossistema) e que as práticas agrícolas e a pesquisa não se preocupem com altos níveis de produtividade de uma mercadoria em particular, mas, sim, com a otimização do sistema como um todo. Isso requer, também, que se leve em conta, não apenas a produção econômica, mas o problema vital da estabilidade e sustentabilidade ecológicas. (p65)

Em concordância com Altieri, infelizmente os meios de produção no que tange à agricultura, quando se trata de grande escala ainda é desafiador, mas não é impossível.

Na agricultura familiar alguns insumos agrícolas sempre estiveram presentes, mesmo que em pequena quantidade, mas em muitas propriedades, agricultores que foram orientados pela Fase-Ba, SINTRAF e associações, já vem substituindo esses insumos por adubos orgânicos e compostagens. Nas entrevistas para essa pesquisa todas as mulheres entrevistadas falaram que usaram ou usam ainda insumos como o adubo 10/10, adubo tipo A e calcário, que são os insumos mais usados na agricultura familiar.

Usava, mas não era nem tão assim, porque geralmente, adubo é aquela coisa assim, às vezes comprava quando via assim, que tava meio fraco, mas às vezes não comprava porque assim, porque se a terra pegasse dois sacos, mas a condição não dava, comprava um só e daí distribuía na parte mais fraca, mas não era tão, aquela coisa, não. E hoje já mudou mais, é um orgânico, é um esterco de galinha, essas coisas. (Gleide)

Naquela época era mais o adubo químico. Não tinha essa experiência do adubo orgânico. Aí hoje a gente trabalha mais com o adubo de galinha, de cabra. {...} Na laranja e no cacau mesmo a gente tá jogando de galinha. (Adaildes)

Como é possível perceber, os insumos agrícolas, em especial os adubos químicos faziam parte dos meios de produção dos agricultores, no entanto é possível fazer essa transição agroecológica.

4.5. AS CONQUISTAS.

A agricultura familiar no município de Laje Bahia teve muitas conquistas, essas, provocaram melhor condição de vida dos agricultores familiares e para o bem comum da categoria. Cabe elencar aqui algumas que foi fruto da luta de lideranças que estavam à frente do Sindicato dos agricultores de Laje, junto com os sócios e parceiros. Uma delas foi a construção da sede do sindicato, que é um espaço amplo, com mais de cinco salas para atendimentos, quatro banheiros, cozinha, salão para assembleia e sala para reuniões, que segundo o sindicato foi construída toda com recurso próprio e com campanhas para arrecadar fundos, é uma conquista importante. Pois é nesse espaço que os agricultores são atendidos, orientados, oportunizados, tomam um cafezinho e pilheriam. Laços de amizade e solidariedade são aí construídos e vividos.

A conquista dos agricultores para a Prefeitura Municipal de Laje realizar a chamada pública para o PNAE. Foi uma luta do SINTRAF e das associações organizadas. Eram realizados pregões para a venda da merenda escolar, mas a partir dos posicionamentos do SINTRAF e associações, a Prefeitura de Laje realiza chamada pública anual ou por semestre.

As formações e capacitações para jovens, mulheres, proporcionou pessoas protagonistas da própria história. Muitas mulheres se empoderaram através dessas palestras, formações entenderam que lugar de mulher é onde ela quiser. Também muitos jovens permaneceram na roça, entendendo que a terra também é uma oportunidade de mudar de vida.

Habitação rural para os agricultores. Segundo o sindicato, 59 casas foram construídas nos anos de 2009 e 2013 em parceria com a FETRAF Bahia. Assistência técnica, a agricultura familiar de Laje tem assistência técnica da FASE Bahia que está presente no município desde 1998, da CEPLAC e da secretaria de agricultura, que ainda dispõe de dois tratores agrícolas.

Através das conquistas colocadas aqui, muitos agricultores conseguiram mudar de vida ou de pensamento. O ganho mais significativo é transformação. Perceber que a agricultura, o espaço que representa a agricultura, pode mudar a vida política, econômica, educacional e social de tantas pessoas, principalmente de mulheres.

5. IMPACTOS DA CONJUNTURA NACIONAL A PARTIR EM 2016.

A partir dos anos de 2003, quando o presidente eleito Luís Inácio Lula da Silva, assumiu a presidência, que os trabalhadores brasileiros conquistaram muitos direitos. Em dois mandatos de presidente da República Federativa Brasileira, 2003-2011, foram aprovadas algumas leis e programas como Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004, e regulamentado pelo Decreto nº 5.209, de 17 de setembro de 2004, o Bolsa Família, Programa Fome Zero, 2003, Programa Primeiro Emprego 2003, o Pro Uni (Programa Universidade para Todos), foi instituído pela Lei n.º 11.096, de 13 de janeiro de 2005.

Na agricultura os principais programas que foram implantados no governo Lula foi o Programa Minha Casa minha vida, 2009, Programa PAA em 2003, o PNAE em 2009 e o PRONAF que foi criado em 1995, no entanto teve ascendência a partir do governo Lula. Para Leonardo Boof, esses programas mudaram a paisagem do Brasil.

Enumeremos algumas de todas conhecidas como a Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, Luz para Todos e as inúmeras universidades e escolas técnicas, o FIES e os diversos regimes de cotas para o acesso à universidade. Ninguém pode negar que a paisagem social do Brasil mudou. (2016)

Esses programas, assim como outros como o Luz para Todos, Água para Todos e tantos outros possibilitaram dias melhores e esperança para muitos brasileiros. A Lei nº 12.711/2012, que é a lei de cotas possibilitou sonhos de possuir um nível superior para milhares de brasileiros.

Graças a esses programas a ONU (Organizações das Nações Unidas) tirou o Brasil do mapa da fome em 2015. Vejamos:

No ano de 2014, o Brasil saiu pela primeira vez do mapa da fome da ONU, consequência de um empenho político que combinou as políticas públicas de fortalecimento à agricultura familiar e a rede socioassistencial com os programas de transferência de renda (Garrido, 2015).

O Programa Fome Zero possui como eixos articuladores o acesso à alimentação, a geração de renda, a articulação, mobilização e controle social, e o fortalecimento da agricultura familiar; além de três níveis de ações: políticas estruturais, específicas e locais. O PAA contextualiza-se no âmbito das políticas estruturais e representa a principal ação do Programa Fome Zero com foco no fortalecimento da agricultura familiar (Muller et al., 2012).

A permanência dessas políticas e fomento delas é de fundamental importância para o povo do campo. Porque elas promovem inclusão social, geração de renda, produção de alimentos saudáveis e agroecologia.

Em 2010, o Brasil elegeu a primeira mulher presidente, Dilma Vana Rousseff governou o Brasil de 2011 a 2016. O mandato de Dilma foi encerrado pelo processo de impeachment como alguns preferem falar, mas que foi um golpe na democracia brasileira, golpe para as mulheres.

Opositores justificam o processo de impeachment como necessidade para a retomada do crescimento da economia, afinal, pretendiam fazer a reforma trabalhista, criando novos postos de trabalho, a reforma da previdência e a PEC 55, que limitava os gastos de governos futuros, principalmente na área da educação e saúde.

Tais reformas que tinha a promessa de melhorar a vida do trabalhador brasileiro, nada mudou, ao contrário.

5.1. É PRECISO APRENDER A LUTAR NOVAMENTE.

Os direitos conquistados para a categoria dos agricultores familiares como aposentadoria por idade, pensão por morte, auxílio-doença e salário-maternidade, foram frutos de muitas lutas. Nada foi fácil. Nada foi dado por caridade, mas sim de ideais, lutas e resistência.

Sobre o nome Agricultura familiar e sobre o slogan, Agricultura familiar as mãos que alimentam a nação, Maria Lourença enfatiza na sua entrevista, “por que se alimenta a nação, nós estamos esquecendo de nos alimentar próprio. Por que

leva o produto que a nação come e leva um dinheiro para casa que não dar para comprar o que ele precisa para comer”.

Compreender que a luta não deve parar, os produtos da agricultura familiar que deveria ser vendido com um diferencial no preço, é desvalorizado, além que os preços dos mercados são reajustados conforme a inflação, mas se o agricultor reajustar o preço dos seus produtos conforme a inflação, os consumidores acham um absurdo. Como se os agricultores fossem pedintes. Como se implorasse para as pessoas comprarem os produtos, mesmo por um preço injusto.

Maria Lourença Matos afirma em entrevista que o projeto de habitação rural foi muito louvável, no entanto precisa ser repensado.

Aí tem o projeto de habitação. Quem criou o projeto de habitação, pelo amor de Deus pode se atualizar? Como é que faz uma casa para dar ao agricultor com dois quartinhos, uma salinha, uma cozinha e um banheiro se tiver um cadeirante não entra e chama de habitação. Eu acho isso uma vergonha, isso é uma falta de respeito pelo ser humano e ainda continua esse projeto aí, e ninguém que hoje estar, teve coragem de dizer: chega que não é isso que a gente quer mais. (Maria)

Se ele tem uma casa simples, porque ele não pode ter uma casa melhor? Ele quer viver melhor. A gente achava só dos direitos. Eu não tô dizendo que tudo que a gente fez até, hoje não é importante, mas eu tô dizendo que tem um pedaço aí, de alguma coisa faltando que a gente não conseguiu pegar. Então talvez a gente não enxergou isso ainda. Então estar faltando a gente enxergar isso e estamos conseguimos. (Nayara)

A fala dessas mulheres, talvez pode causar desagradados, mas que merecem análise. A fala de Maria Lourença Matos, instiga para novas lutas, novas demandas, novos debates, melhorias para a agricultura. Pode-se compreender como um bom conselho, é hora de levantar e voltar a caminhar e a fala de Nayara, enfatiza o que pensam da agricultura familiar, é pequena, então tudo deve ser pequeno.

A luta não pode parar, há muito a se conquistar para os trabalhadores do campo. Tem muito a ser feito para a mulher ser cada vez mais protagonista da sua

história, ter mais empoderamento feminino, que as mulheres ocupem seus espaços de lutas, falas e poder. Que o povo do campo tenha vida com dignidade, saúde e harmoniosa com a natureza.

6.CONCLUSÃO.

Através dos fundamentos teóricos que subsidiaram essa pesquisa sobre Mulher e agroecologia: lutas, experiências e protagonismo feminino no município de Laje e principalmente das fontes orais que nortearam um olhar diferenciado.

Por quê diferenciado? Porque a vivência falada, mostra a beleza e a dificuldade de viver e permanecer no campo, principalmente sendo ou buscando ser agroecológico.

Teoricamente é possível a produção agroecológica, desde que se tenha investimento e políticas que fomentem a área. Conclui-se também, que a mulher tem um papel importante nesse processo, pois o fato de ser geradora de vidas, ela se preocupa mais com tantas outras, ou tem mais sensibilidade.

Considera-se também que os movimentos sociais e o movimento feminista historicamente foram os principais responsáveis pelas transformações ocorridas na sociedade, como direitos conquistados, empoderamento de mulheres, espaços conquistados, novos métodos de produção que respeitem as pessoas e a natureza e tantas outras conquistas. No entanto, há muito a se fazer, a locomotiva não pode parar nem frear. Afinal, direitos e conquistas não foram feitos para serem retirados e sim ampliados.

Através das fontes orais de sete mulheres que contribuíram de modo significativo para essa pesquisa, sendo que mesmo duas delas não serem agricultoras, mas que as suas ocupações estão ligadas diretamente a agricultura, é perceptível que a agricultura familiar no município de Laje, embora tenha muitas conquistas, ainda há muito a se fazer.

As políticas públicas que estão presentes no município como PAA, PNAE e PRONAF por exemplo, não abrangem todos agricultores. O PAA, só atendem a 30 famílias e precisa com urgência contemplar mais famílias. O PNAE que é através das associações organizadas do município de Laje, também não abrange a maioria dos agricultores. O PRONAF é a única política pública que todas as mulheres agricultoras entrevistadas acessam.

Portanto é de grande importância reafirmar que essas políticas públicas precisam permanecer no município, mas é preciso que elas sejam ampliadas.

Também é de suma importância ter outros meios de venda dos produtos agroecológicos, afinal o PAA e o PNAE, não devem ser as únicas opções.

Compreende-se também que a agroecologia não é só plantar sem insumos, mas o cuidado com o equilíbrio com a natureza e das pessoas. Agroecologia é também pensar como estão vivendo as pessoas do campo, como estão as estradas para poder chegar na feira para poder vender seus produtos, quais dificuldades encontradas para conseguir o selo agroecológico e o que pode ser facilitado, como está a água que mata a sede e se tem água, como estão os direitos de aposentadoria, auxílio-maternidade, auxílio-doença e tantas outras situações importantes.

Pensar e fazer agroecologia é lutar para proibir ou fiscalizar com urgência a venda de tantos venenos como o Roundup e Tordon, esses infelizmente estão cada vez mais presente na agricultura do município de Laje.

Dessa forma, conclui-se que a mulher no município de Laje tem sido autoras de suas próprias histórias. O protagonismo que começou no campo, em famílias simples, chegou na universidade, na faculdade, nas diretorias de sindicatos, em espaços sendo lideranças.

São das mulheres que começam a agroecologia. Quintais produtivos, pequenas ou grande hortas ou até pequenas plantações em vasos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

BLAY, Eva Alterman: **Conquistas e controvérsias. Estudos Feministas**. Rio de Janeiro. 2001. 601-607.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor, 2001.

BOOF, Leonardo. **O impeachment como antirrevolução. Ética, economia, história, política**. 2016.

BRASIL. artigo 3º do Decreto-lei nº 8.740, de 19 de Fevereiro de 1946.

BRASIL. Decreto nº 19.770, de 19 de Março de 1931. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 29/3/1931, Página 4801.

Garrido, H. C. C. (2015). Abordagem territorial da segurança alimentar: **articulação do campo e da cidade no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA): considerações sobre o caso Colombiano**. Revista Nera, 26, 51-69.

GROSSI, Mauro Eduardo Del; SILVA, José Graziano da. Novo rural: **uma abordagem ilustrada**. Londrina: Instituto Agrônomo do Paraná. Vol. 1, 2002, 53 p.

LOMANTO NETO, Raul et al. Núcleo de Extensão e Pesquisa em Desenvolvimento Territorial (NEDET): uma experiência de construção de políticas de desenvolvimento sustentável no Território de Identidade do Vale do Jequiçá, Bahia, Brasil. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018. Obtido em: http://www.portalsdr.ba.gov.br/intranetsdr/model_territorio/Arquivos_pdf/Perfil_Vale%20do%20Jiquiri%C3%A7a.pdf

SILIPRANDI, Emma. Agroecologia, agricultura familiar e mulheres rurais. **Revista brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007. Obtido em: <https://mst.org.br/2021/10/08/as-mulheres-e-a-agroecologia/>

DE OLIVEIRA SANTOS, Marcella et al. Estimativa de incidência de câncer no Brasil, 2023-2025. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 69, n. 1, 2023. Obtido em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/3700/2644>

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2022.

Lei Le Chapelier, Textos e documentos. (17 jun 1791).

LEILAH, Landim; TATIANA, Dahmer Pereira. Pensar com os outros- 50 anos de FASE: **Trajetórias de uma organização da sociedade civil brasileira**. Rio de Janeiro: FASE, 2011.

LIMA, Aline dos Santos. **A territorialização do capital na lavoura de mandioca: a educação pelo trabalho da Aliança Estratégica do Amido no município de Laje (BA)**. UFBA. 2017.

LOHN, Reinaldo **Lindolfo**. **Reflexões sobre a história do tempo presente: uma história do vivido**. Coleção história do tempo presente: volume 1 / Tiago Siqueira Reis et al. organizadores. – Boa Vista: Editora da UFRR, 2019. P. 11-26.

MARION, Aline Adriana; BONA, Aldo Nelson. **A importância da mulher na agricultura familiar**. Revista Cafeicultura, Minas Gerais, set. 2013.

MAUAD, A. M.; CAVALCANTE, P. **História e documento**. vol. 1. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2010.

Muller, A. L., Silva, M. K., & Schneider, S. (2012). **A construção de políticas públicas para a agricultura familiar do Brasil: o Programa de Aquisição de Alimentos**. Revista Estudos Sociedade e Agricultura, 20-39.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. UFRJ editora. 2015.

SINTRAF. **Ata extraordinária**. 2009.

SOIHET, Rachel, PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007.

THOMPSON, E. Paul. **História Oral e contemporaneidade**. Belo Horizonte-MG.: UFMG, 2000.

WORSTER, Donald. Para **Fazer História Ambiental**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.4. n. 8. 1991.p. 198-215.

APÊNDICE

APÊNDICE – ROTEIRO

Mulheres e Agroecologia: experiências, lutas e protagonismo feminino na agricultura familiar.

1. Qual o nome, nacionalidade, naturalidade, idade, escolaridade, pertencimento étnico racial, onde mora, profissão e estado civil.
2. Como foi a infância, com quem (membros da família) e onde vive e com quem vive hoje.
3. Com quantos anos começou a trabalhar e com quantos anos terminou/deixou os estudos.
4. Como era o trabalho e o que se plantava.
5. Como eram divididas as tarefas domésticas e as tarefas na roça.
6. Falar sobre o caminho da escola (com quem ia, como ia, trajas, lanches...)
7. Se faz parte ou já fez de alguma instituição ou espaços da sociedade civil que represente a agricultura familiar (sindicato, associação, cooperativa)
8. Que tal falar sobre a água que a família utilizava e utiliza (se é encanada, buscada, gravidade...)
9. Como se dava o manejo do solo, quais alimentos eram do consumo familiar.
10. Qual destino era dado a produção.

Se faz ou já fez uso de venenos ou herbicidas, adubos químicos, sementes transgênicas...)

11. O que entende por preservação do meio ambiente como agroecologia.
12. Falar sobre a importância da mulher na produção agroecológica.
13. Como foi fazer parte e lutar pelo protagonismo feminino na agricultura familiar.
14. Afinal, quais os principais obstáculos para estar e permanecer na agricultura.
15. Se a família foi ou é acompanhada por técnicos agrícolas (como foi o processo do acompanhamento).
16. Quais políticas públicas no que tange a agricultura familiar estar inserido.
17. Como se organizam para estarem nessas políticas.
18. Sobre direitos trabalhistas (organização e permanência na zona rural)
19. Sobre os espaços de formação e capacitação (como acontecia, onde, frequência e com quem)
20. Fale sobre a frase: “Lugar de mulher é onde ela quiser.”
21. Se considera protagonista da própria história?
22. O que faria diferente.
23. Qual a importância da agricultura familiar no município de Laje-Ba.
24. A trajetória de mulheres no município de Laje é devido a quê?
25. As influências por novos métodos de produção que visam apenas o lucro.
26. Definir agricultura e agroecologia.

